



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- CENTRO UNB CERRADO
SOCIOBIODIVERSIDADE E SUSTENTABILIDADE NO CERRADO**

SELMA DE ALMEIDA BERNARDES

**PERCEPÇÕES SOBRE O DESAPARECIMENTO DAS SEMENTES CRIOULAS NA
COMUNIDADE NO SERTÃO – ALTO PARAÍSO DE GOIÁS**

Alto Paraíso de Goiás- GO

Dezembro de 2018

SELMA DE ALMEIDA BERNARDES

**PERCEPÇÕES SOBRE O DESAPARECIMENTO DAS SEMENTES CRIOULAS NA
COMUNIDADE DO SERTÃO – ALTO PARAÍSO DE GOIÁS.**

Trabalho apresentado a Universidade de Brasília
como requisito de conclusão do Curso de Pós-
Graduação Lato Sensu em Sociobiodiversidade e
Sustentabilidade no Cerrado, sob a orientação da
Prof.^a Dr^a Nina Paula Laranjeira.

Alto Paraíso de Goiás- GO

Dezembro de 2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

DD279p DE ALMEIDA BERNARDES, SELMA
PERCEPÇÕES SOBRE O DESAPARECIMENTO DAS SEMENTES CRIOULAS
NA COMUNIDADE NO SERTÃO - ALTO PARAÍSO DE GOIÁS / SELMA DE
ALMEIDA BERNARDES; orientador Nina Paula Laranjeira. --
Brasília, 2018.
75 p.

Monografia (Especialização - Especialização em
Sociobiodiversidade no Cerrado) -- Universidade de Brasília,
2018.

1. Agrobiodiversidade. . 2. Segurança Alimentar. . 3.
Segurança Nutricional. . 4. Relações Comunitárias.. I.
Laranjeira, Nina Paula , orient. II. Título.

SELMA DE ALMEIDA BERNARDES

**PERCEPÇÕES SOBRE O DESAPARECIMENTO DAS SEMENTES CRIOULAS NA
COMUNIDADE DO SERTÃO – ALTO PARAÍSO DE GOIÁS**

Trabalho apresentado a Universidade de Brasília como requisito de conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado, sob a orientação da Prof.^a Dr^a Nina Paula Laranjeira, Como requisito à obtenção do título de Especialista em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado.

Planaltina - DF, 4 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Dr^a. Tânia Cristina Cruz - UnB

Dr^a. Mireya Eugenia Valencia Perafán - UnB

Dr^a. Nina Paula Laranjeira - UnB

Professora Orientadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, pelo amor e educação que foram à base de tudo.

Agradeço à Prof.^a, Dr^a, Nina Paula Ferreira Laranjeira pelo ensino e orientação tão importantes para a realização desse trabalho.

Às Prof.^a, Dr^a Regina Coelly Fernandes Saraiva e Tânia Cristina da Silva Cruz, pelo incentivo, no decorrer do curso, que não foi fácil.

A Leciane Moreira da Mata, pela parceria, no trabalho, pesquisa de Campo.

Ao amigo, Wallace Santos Cavalcante, que colaborou no empréstimo de seu carro. Nos facilitando na pesquisa de campo.

Aos colegas, e todos os professores (as) do curso de Pós-Graduação, em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado.

Aos moradores do Sertão, que, contribuíram com meu trabalho, relatando seus saberes, fazeres, suas histórias, Memórias e identidades, por meio das sementes.

A minha amiga, e filha, Jessica Bernardes dos Santos, pelos momentos de concentração e desconcentração, e que apesar das horas apertadas sempre me ajudou e motivou.

A todos aqueles que contribuíram para o trabalho de forma direta ou indireta.

RESUMO

Durante o curso de Pós-graduação em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado foram levantadas questões relacionadas à Sociobiodiversidade dando ensejo para que o tema proposto nesta monografia fosse desenvolvido. As experiências vividas durante o percurso acadêmico da pesquisadora que é moradora da comunidade do Sertão desde os 4 anos de idade levaram a escolha do objeto desta pesquisa que possui um contexto sociocultural e econômico que ao ser delineado permite o levantamento da seguinte problemática: sendo a comunidade do Sertão composta em sua maioria por famílias de agricultores há várias gerações, que impactos esta comunidade sofreu e/ou sofre com o desaparecimento gradativo das sementes crioulas? Sendo assim o objetivo geral desta pesquisa é sistematizar percepções da comunidade do Sertão sobre o desaparecimento das sementes crioulas. Diante de todo o contexto agrícola em que se encontra o país justifica-se o presente estudo, visto que a comunidade do Sertão é formada por famílias de agricultores há várias gerações, e têm em seu seio sementes crioulas que se preservadas e valorizadas de forma correta propiciariam a Segurança Alimentar e Nutricional das famílias da comunidade e quem sabe de parte do próprio município, ainda que em pequena escala. A pesquisa desenvolveu-se por meio da abordagem qualitativa, pelo viés etnográfico associado à pesquisa etnográfica temos a história de vida e como técnica a história oral para a coleta de dados. Após a análise de dados concluí que apesar das percepções entre as faixas etárias terem algumas semelhanças, fica nítido que cada geração com seu contexto próprio percebe e vincula o desaparecimento de variedades de sementes por uma ótica diferente. É fato que muitas espécies de sementes crioulas não são mais encontradas na comunidade, no entanto conforme levantamento realizado ainda existem muitas variedades que podem ser multiplicadas e que podem também serem organizadas numa futura proposta de banco de sementes móvel, já as espécies que não existem mais na comunidade podem ser resgatadas se forem encontradas em feiras e mesmo em outras localidades rurais próximas, e neste caso se faz necessário que se articulem propostas neste sentido e também após o resgate das espécies da semente sua multiplicação. Outro ponto levantado é a possibilidade de se trabalharem atividades teóricas e práticas na escola sobre esta temática.

Palavras chave: Agrobiodiversidade. Segurança Alimentar. Segurança Nutricional. Relações Comunitárias.

ABSTRACT

During the postgraduate course on Socio-biodiversity and Sustainability in the Cerrado, the issues related to socio-biodiversity were raised, giving meaning for the theme to be recent in this developed article. The experiences lived along the school course of the choice of the sertão community from the 4 years of age took the choice of the place of the next one that is a socio-cultural and economic context that allows to delineate the survey of the following problematic: being a community The Sertão was made mostly by long-lived families for several generations, which led the community to suffer and / or to suffer from the gradual disappearance of Creole seeds? Therefore, the objective of this research is to systematize the perceptions of the Sertão community about the disappearance of the creole seeds. In view of the entire agricultural context has been found the country is justified the present study, since the Sertão community is formed by families of students for several generations, and they have their own creole seeds that are preserved and valued in a correct way would propitiate the Security Food and Nutrition of Community Families and Who Know the Part of Own Municipality, albeit on a small scale. The research developed through the qualitative approach, through ethnographic bias to ethnographic research has a history of life and as technique oral history for a data collection. After analysing the data, I concluded that although the perceptions between age groups have some similarities, it is clear that each generation with its own context perceives and links the disappearance of seed varieties from a different perspective. It is a fact that many species of creole seeds are no longer found in the community, however according to the survey carried out there are still many varieties that can be multiplied and that can also be organized in a future proposal of mobile seed bank, already species that no longer exist in the community can be rescued if they are found in fairs and even in other nearby rural locations, and in this case it is necessary to articulate proposals in this sense and also after the rescue of the seed species their multiplication. Another point raised is the possibility of working theoretical and practical activities in the school on this subject

Keywords: Agrobiodiversity. Food Nutrition. Food Security. Community Relations.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - MAPA DA COMUNIDADE DO SERTÃO	25
FIGURA 2. DNª BENEDITA.	28
FIGURA 3. DNª JOANA. USANDO VESTIDO ESTAMPADO.	33
FIGURA 4. ELITA.	33
FIGURA 5. SR. BENEDITO.....	35
FIGURA 6. SR, ERMES.	36
FIGURA 7. DN. BERNARDINA	37
FIGURA 8. DNA. GENEZI E SEU ESPOSO.	40
FIGURA 10.DNª MESSIAS.	44
FIGURA 11. ISAIAS ALMEIDA BERNARDES	47
FIGURA 12. ADENOEL, DE CHAPÉU.....	50
FIGURA 13. JUNINHO.....	53
FIGURA 14. MARIA CARLA.....	56

FIGURA 15. SEMENTES DE AMENDOIM.....	60
FIGURA 16. QUINTAL DE GRAZIELE.....	60
FIGURA 17. SEMENTES DE FAVA BRANCA.....	65

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
1. INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVO	14
1.2 JUSTIFICATIVA.....	15
2. CONCEITOS IMPORTANTES PARA ESTE ESTUDO.....	16
3. AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS E O CENÁRIO DA PESQUISA	25
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
ANEXO	75

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu a partir de experiências vividas e estudos realizados sobre o Bem Viver, Sustentabilidade na Chapada dos Veadeiros, a importância da agrobiodiversidade na agricultura e na natureza, a importância das sementes crioulas para a soberania e segurança alimentas durante o curso de Pós-graduação em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado. Questões relacionadas à Sociobiodiversidade deram ensejo para que o tema proposto neste estudo fosse desenvolvido.

Em 2015 foram publicados os resultados do Programa Nacional de Controle de Resíduos e Contaminantes na safra 2013/2014 por meio do DOU - Portaria nº 44, de 2015, da Secretaria de Defesa Agropecuária. Os resultados obtidos há quatro anos reafirmavam o crescente aumento da utilização indiscriminada de agrotóxicos pela agricultura brasileira que já liderava desde 2010 o ranking mundial no uso de agrotóxicos.

Vários fatores foram responsáveis por esta colocação, conforme Teixeira (2015) a associação das sementes geneticamente modificadas com os pesticidas, levou à expansão acelerada, notadamente da aplicação dos herbicidas, num falso discurso de que haveria redução no consumo de agrotóxicos com a introdução dos transgênicos, com o intuito de justificar a legalização desses produtos no Brasil.

Outro fator descrito por este autor foi o “pseudo crescimento” da produção agrícola interna a partir da metade da década de 2000, Teixeira (2015) se fundamenta em dados estatísticos do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal – Sindiveg de 2003 a 2012 que comprovam segundo o autor que as vendas de agrotóxicos cresceram, em média (taxa geométrica), 7.7% ao ano, enquanto a produção brasileira de grãos teve crescimento de 3% ao ano, portanto não houve um crescimento considerável na produção de grãos ao passo que o crescimento na venda de agrotóxicos foi considerável “Consistente com essas taxas nota-se que o uso de agrotóxicos em 2012 foi 109.4% maior que em 2003”. (TEIXEIRA, 2015, p. 2)

Constatou-se ainda a frouxidão regulatória e as desonerações concedidas a esse setor, com ênfase no parecer aprovado pela câmara dos deputados em julho

do presente ano, que afrouxa mais ainda a regulamentação já existente dos agrotóxicos.

Diante dos dados acima citados, podemos concluir que as avaliações feitas para chegar à conclusão de que os agrotóxicos são prejudiciais ao planeta, ao meio ambiente, enfim à vida, não são apresentadas com devida clareza à população. Desconsideram-se fenômenos biológicos, os ecossistemas, bem como os contextos sociais que impõem exploração da força de trabalho, expondo os seres humanos que estão às margens da sociedade e permanecem à mercê das vontades gananciosas, individuais, e centralizadoras, e deixam por completo de considerar os aspectos culturais relacionados à alimentação.

Observou-se que o uso de agrotóxico, ao qual toda a população se encontra vulnerável, está ligado diretamente à saúde, pois se sabe que apenas uma pequena parcela da agricultura ainda resiste ao seu uso.

A avaliação de risco, pelo uso dos agrotóxicos, é desconexa com a realidade em que estes se aplicam. De acordo com a incompletude da legislação com relação ao uso do agrotóxico, dos conhecimentos científicos, e de tantas vulnerabilidades, devemos perguntar: por que é permitido manter o uso dos agrotóxicos na agricultura nesse contexto?

A ABRASCO (Associação Brasileira de Saúde Coletiva), em um de seus dossiês, nos alerta para questões como a importância da Semente Crioula, principalmente para a “Soberania Alimentar”. Aponta a agroecologia como estratégia de promoção da saúde, trazendo dez ações urgentes, como a (8ª) oitava: “Fortalecer e ampliar as políticas de aquisição de alimentos produzidos sem agrotóxicos para a alimentação e outros mercados institucionais.” ABRASCO (2012.p. 86,87).

As mudanças ocorridas na agricultura desde o início da Revolução Verde tiveram um impacto muito forte em se tratando da biodiversidade dos ecossistemas pelo mundo todo. A engenharia genética que desde o início do século XX vêm desenvolvendo métodos e técnicas de melhoramento genético de plantas e conseqüentemente levando ao desaparecimento das sementes crioulas. Entre os pequenos agricultores (as) a perda gradativamente da capacidade de produzirem as suas próprias sementes também foi um impacto decorrente das mudanças na agricultura (ASSESOAR, 2009, p. 7).

A modernidade agrícola levou os camponeses a irem perdendo sua identidade social tornando-se dependentes das empresas. Com a diminuição

drástica das variedades tradicionais das sementes crioulas (que durante séculos se adaptaram às necessidades da terra), os agricultores (as) precisaram começar a procurar fontes externas que fornecessem sementes e produtos químicos necessários, não apenas para o cultivo dessas, mas também para proteção (ASSESOAR, 2009, p. 11).

A troca de sementes tem sido há séculos o mecanismo de disseminação das sementes entre os agricultores, por constituírem no passado um patrimônio público.

Por milhares de anos o camponês, o agricultor familiar, o indígena produziu selecionou e guardou as suas próprias sementes para o plantio, inclusive partilhando com os vizinhos, o que permitiu aumentar a diversidade e a qualidade genética à sua disposição. Com essa prática milenar, foi possível conservar variedades adaptadas às condições de clima, solo, entre outras características específicas de cada região, país e continente. (ASSESOAR, 2009, p. 10)

De acordo com Gautam et. al. (2007) como forma de contribuir para o desenvolvimento sustentável e fortalecer os agricultores e as instituições locais se deve estimular o manejo comunitário da biodiversidade por uso de ferramentas práticas. Para este autor, entre os muitos mecanismos possíveis, as “feiras de diversidade ajudam a identificar áreas de alta diversidade e a maioria das espécies ameaçadas de extinção ou variedades locais” (GAUTAM et. al., 2007, p. 136). Isto se deve ao envolvimento de muitos atores não apenas locais, mas pertencentes a origens geográficas distintas e em “arranjos institucionais múltiplos” (p. 10).

Em Alto Paraíso de Goiás, município com cerca de 8.000 habitantes, é realizada desde o ano de 2011 a Feira de Sementes e Mudas da Chapada dos Veadeiros. Evento que por meio da troca procura resgatar as sementes crioulas, com um olhar acurado na garantia da segurança alimentar e nutricional das comunidades envolvidas, sendo o Sertão uma delas.

Diversas famílias camponesas do estado de Goiás vêm participando de feiras, seminários, palestra ajudando o campesinato a entender a importância do resgate das sementes crioulas, pois bem sabemos que o Brasil é o país que mais consome agrotóxicos, o que se espera é que esses produtos envenenados parem de ser produzidos na nossa agricultura. E para multiplicar as sementes uma forma melhor é a troca que podem acontecer em atividades coletivas nas regiões ou comunidade através de eventos específicos. Isso vem acontecendo sempre através do movimento camponês que tem a tarefa de prestar conta e distribuir a semente e o agricultor comercializa para a CONAB, essa atividade está sempre presente nos agricultores do estado de Goiás, principalmente no nordeste goiano. (BESSA et. al., 2017, p. 4)

1.1 OBJETIVO

O objetivo geral desta pesquisa é sistematizar percepções da comunidade do Sertão sobre o desaparecimento das sementes crioulas. E para tal pretende-se: identificar a existência de sementes crioulas no bojo de algumas famílias, da comunidade do Sertão; sistematizar como os membros mais velhos da comunidade do Sertão lidavam com as sementes antes e lidam hoje; identificar as principais mudanças no uso das sementes crioulas; verificar se a partir do desaparecimento das sementes crioulas ocorreram ou ocorrem impactos na vida dos moradores do Sertão, sobretudo no que diz respeito às tradições e à alimentação.

Neste caso específico o termo percepção é utilizado a partir da visão construtivista. Esta abordagem cujos principais autores são Rock, Hochberg e Gregory propõe que quem constrói ou infere percepções é o próprio observador a partir da sua interpretação da informação fornecida pelo ambiente. Portanto a percepção é uma construção mental que se baseia em estratégias cognitivas, experiências passadas, motivos, etc. de cada indivíduo (BACHA et. al., 2006).

1.2 JUSTIFICATIVA

Como moradora do Sertão desde os 4 anos de idade e filha de agricultores, percebo a importância deste evento para minha comunidade. Eu e minha família, em se tratando dos modos de produção agrícola, estávamos voltadas para o preparo da roça que perpassava por várias fases, que iam desde a escolha das sementes crioulas seguindo a lua, o plantar, o colher, e também, pelos mais variados motivos, ocorria algumas vezes à perda da lavoura e na limpa da terra para um novo cultivo. Além da roça, ainda havia o feitiço da farinha de mandioca e da rapadura, a coleta do tingui para o feitiço do sabão e materiais naturais para medicamentos entre outros itens. E porque também não mencionar a construção de casas.

Minha convivência com a realidade desta comunidade me levou a direcionar todo o meu percurso acadêmico ao objetivo de agregar valores e conhecimento à minha comunidade.

Inicialmente fazendo parte do Centro UnB Cerrado como estagiária adentrei no mundo da Agroecologia que fortaleceu meus saberes e fazeres campestres. Na sequência, ao realizar minha graduação em Licenciatura em Educação do Campo na LEDOC, o que estimulou mais ainda minha vontade de estar na comunidade trabalhando com as crianças e os jovens.

Buscando resgatar a valorização dos saberes e fazeres da comunidade que tem começado a se perder para as gerações atuais (envolvidas com a tecnologia e o capitalismo crescente que dificulta a vida no campo) direcionei minha monografia ao estudo do currículo escolar e suas relações com o projeto de vida dos jovens da comunidade. Em alguns momentos foi possível correlacionar pontos do meu TCC, principalmente sobre a comunidade, a esta nova pesquisa, que se desenvolve no estudo sobre as sementes.

A comunidade do Sertão, objeto desta pesquisa, possui um contexto sociocultural e econômico que ao ser delineado permite o levantamento da seguinte problemática: sendo a comunidade do Sertão composta em sua maioria por famílias de agricultores há várias gerações, que impactos esta comunidade sofreu e/ou sofre com o desaparecimento gradativo das sementes crioulas?

Conseqüentemente surgem as seguintes proposições:

1ª Como se dá a percepção dos moradores mais antigos do Sertão frente ao desaparecimento das sementes crioulas?

2ª Os agricultores mais jovens têm a mesma percepção sobre as sementes crioulas que os mais antigos?

3ª Existem ou já existiram propostas de criação de bancos de sementes na comunidade?

Diante de todo o contexto agrícola em que se encontra o país justifica-se o presente estudo, visto que a comunidade do Sertão é formada por famílias de agricultores há várias gerações, e têm em seu seio sementes crioulas que se preservadas e valorizadas de forma correta propiciariam a Segurança Alimentar e Nutricional das famílias da comunidade e quem sabe de parte do próprio município, ainda que em pequena escala.

2. CONCEITOS IMPORTANTES PARA ESTE ESTUDO

Ao final da 1ª Guerra Mundial surgiu o termo Segurança Alimentar. A Europa estava destruída, não havia alimentos e as terras estavam ainda impossibilitadas de serem cultivadas devido a todo o processo da guerra. Desta forma entendeu-se que Segurança Alimentar era no início um termo militar surgido quando as nações entenderam que poderia controlar outra nação mais fraca se controlassem seu fornecimento de alimentos. E, diante do que é visto na atualidade, em estudos e pesquisas, é uma estratégia que ainda é colocada em prática, um exemplo: a Monsanto, empresa considerada a líder no mercado de sementes geneticamente modificadas.

No pós-guerra e visando minimizar a fome no mundo, surgem inúmeros movimentos e organizações para debater e buscar soluções sobre este tema. A Organização pioneira foi a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), fundada em 1945, que realizou vários eventos¹ nas décadas subsequentes exortando que os países membros da FAO refletissem sobre políticas eficazes para erradicar a fome no mundo (DE JESUS, OMMATI, 2017).

¹Conferência Mundial da Alimentação (1974), Conferência Internacional sobre Nutrição (1992), Cúpula Mundial de Alimentação (1996).

Fundamentada nos autores estudados para esta pesquisa: Bessa et. al. (2017), Moreira (2014), Haverroty et. al.(2016), Boef et. al. (2007), Altieri (2010) entre outros, interiorizou-se a situação em que se encontra a agricultura no nosso país e mesclou-se este conhecimento com a minha vivência escrevendo os parágrafos que se seguem.

No Brasil, como no resto do mundo a agricultura passou por mudanças radicais. Na década de 60 chegou ao país a “Revolução Verde” que nada mais era que um pacote com uso de sementes híbridas, adubos sintéticos, agrotóxicos e mecanização inserida pelo modelo estratégico da agricultura capitalista.

Em consequência da inserção do Agronegócio no país, o meio ambiente sofreu com o aumento do desmatamento das áreas de vegetação nativa, contaminação da água (em muitos casos com a sua diminuição) e solo, que atingiu a fauna e as pessoas, a biodiversidade foi ameaçada em alto grau.

Iniciasse um processo denominado erosão genética, o que nada mais é do que a perda da diversidade genética na agricultura (BOEF, 2007, p. 39)

A difusão e o financiamento dos pacotes tecnológicos agrícolas, compostos por sementes, fertilizantes, adubos e venenos para o campesinato causaram o desequilíbrio entre as plantas nativas e as cultivadas, e principalmente nas relações sociais dos pequenos agricultores (as). Enquanto as sementes crioulas adequavam-se ao clima e à terra, para as modificadas, que não tinham resistência, havia necessidade de se comprar mais insumos e venenos contra as pragas existentes encarecendo a mão de obra devido a compra dos insumos (BESSA et. al. 2017).

Sementes crioulas são aquelas utilizadas por comunidades tradicionais nas suas lavouras, com características peculiares que são a sua uniformidade e sua pureza, por não terem sofrido transformações genéticas. As sementes crioulas são obra da natureza e fruto das experiências camponesa e indígena. Elas são criações coletivas dos povos que reflete a história dos povos e especialmente das mulheres que foram as primeiras a cultivarem e mantiveram através da história, como suas principais guardiãs. Já Trindade (2006) afirmou que as sementes crioulas são as que em determinada região, as que obtém maior adaptabilidade, por meio da seleção natural, apresentando características melhores que as anteriores. (BESSA et. al. 2017. p. 4)

A chegada das variedades modernas em processo de substituição de variedades locais indígenas, tradicionais ou crioulas é comparada frequentemente,

com a perda de gênese causando o que é chamado por Boef (2007, p.39) de erosão genética. Ou seja, a perda dos genes de plantas cultivadas ocorre no processo agrícola quando as variedades locais são trocadas por novas, “havendo completa substituição dos alelos, que são diferentes na variedade local e na nova.” Os alelos trocados são perdidos ou erodidos, caso não sejam conservados, guardados ou usados em outro lugar. Da mesma forma na variedade substituída também se perde a combinação própria de seus genes.

Diferentes maneiras, de como manejar e usar determinadas espécies ou variedades também acaba desaparecendo pelo desenvolvimento moderno da agricultura que é orientado pela globalização das práticas agrícolas: resumindo, poucos tipos de cultivos e poucas variedades o que ameaça o conhecimento tradicional num processo também designado de erosão.

A agroecologia enquanto ciência desponta como um movimento de resistência ao modelo agrícola capitalista ao “aplicar conceitos e princípios ecológicos para o estudo e manejo dos sistemas agrícolas, gerando uma base científica para o desenvolvimento de uma agricultura mais sustentável.” (SAMBUICHI et. al., 2017, p. 12).

Sua base conceitual e metodológica começou a ser mais difundida na década de 80, mas somente nos anos 2000, ao sofrer influência da escola europeia, que a agroecologia enfocou “uma visão mais sociológica dos agroecossistemas, abrangendo novas dimensões para além da ecológica e técnico-agronômica, como a socioeconômica, cultural e sociopolítica.” (SAMBUICHI et al., 2017, p. 12).

A aplicabilidade dos conceitos e princípios agroecológicos se expandiu no mundo e gerou o movimento que fortaleceu e deu mais consistência a agricultura alternativa se incorporando também aos movimentos sociais camponeses.

A Agroecologia segundo Caporal (2009, p. 221) oferece as bases teóricas e metodológicas para que se avance no sentido do manejo ecológico dos recursos naturais, promovendo a gestão ecológica dos sistemas biológicos e oferecendo ferramentas para estimular formas de ação social coletiva que contribuem para redirecionar o curso equivocado da coevolução entre natureza e sociedade, visando afrontar a crise de modernidade que se manifesta como uma crise ambiental e social, no entanto a Agroecologia não é um tipo de agricultura alternativa.

O movimento agroecológico valorizava não apenas a diversidade cultural e biológica, a prática agroecológica, mas busca a conservação e o resgate das variedades crioulas e do conhecimento tradicional das populações locais que se sociabiliza e expande pela troca de saberes entre as comunidades. (SAMBUICHI et al., 2017, p. 12).

É importante neste estudo que também seja compreendido o conceito de agrobiodiversidade para que seja percebida a real dimensão das sementes crioulas quando se fala em sua perda. O conceito de agrobiodiversidade surge, segundo Boef et. al. (2007), para descrever a diversidade biológica presente na agricultura e, em sentido amplo engloba os três níveis de diversidades da natureza relevantes para a agricultura e alimentação: a variedade genética – encontra-se na unidade de base da herança do DNA; a diversidade (entre) espécies compostas de populações distintas, que quando se cruzam podem dar origem a uma progênie que se reproduz; e, a diversidade de ecossistemas - necessários para sustentar as funções chaves dos agroecossistemas, suas estruturas e processos.

A Convenção sobre Diversidade Biológica ou Convenção da Biodiversidade (CDB) ²entrou em vigor em 29 de dezembro de 1993 reconhecendo a importância da conservação da agrobiodiversidade, das sementes crioulas e sua relação com a segurança e soberania alimentar e a conservação dos recursos genéticos (base do melhoramento para produção agrícola) (BOEF, 2007).

Para as sementes, sua produção e comercialização no Brasil, existem duas leis básicas de regulação: a Lei de Proteção de Cultivares (Lei 9.456/97) e a Lei de Sementes e Mudas (Lei 10.711/03)

A primeira lei de 1997 (quatro anos após vigorar a CDB) institui o direito a proteção (propriedade intelectual) sobre cultivares, regulamentando a utilização de plantas e protegendo o direito dos seus obtentores. Enquanto que a segunda de 2003 tem como objetivo a garantia da identidade e a qualidade do material de

²Tratado internacional multilateral que trata da proteção e do uso da diversidade biológica em cada país signatário, possuindo três objetivos principais: a conservação da diversidade biológica (ou biodiversidade), o seu uso sustentável e a distribuição justa e equitativa dos benefícios advindos do uso econômico dos recursos genéticos, respeitada a soberania de cada nação sobre o patrimônio existente em seu território, aberta para assinaturas em 5 de janeiro de 1992, durante a Eco-92 no RJ.

multiplicação e de reprodução vegetal que é produzido, comercializado e utilizado em todo o território nacional (BRASIL, 1997 e 2003).

A legislação de 2003 trouxe em seu conteúdo artigos que propiciassem ainda que de forma mínima a produção, comercialização e uso das sementes crioulas conforme bem esclarece Fernandes (2017), primeiramente reconhecendo as Sementes crioulas no artigo 2º, inciso XVI:

XVI - cultivar local, tradicional ou crioula: variedade desenvolvida, adaptada ou produzida por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas, com características fenotípicas bem determinadas e reconhecidas pelas respectivas comunidades e que, a critério do Mapa, considerados também os descritores socioculturais e ambientais, não se caracterizem como substancialmente semelhantes às cultivares comerciais.(Brasil, 2003 [s.p.])

Na sequência no artigo 8º - § 3º - tratando da isenção dos agricultores familiares, assentados da reforma agrária e indígenas multiplicadores de sementes ou mudas para distribuição, troca ou comercialização entre si ficam isentos da inscrição no Renasem³. E, também no artigo 10º - § 6º que diz: “Não é obrigatória a inscrição no RNC de cultivar local, tradicional ou crioula, utilizada por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas. ” (BRASIL, 2003, [s.p.]) E no artigo 48º proibindo que as sementes crioulas fossem excluídas de programas públicos para a agricultura familiar.

Fortalecendo as Sementes crioulas em 2006 ocorrem debates realizados no II Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), onde, referindo-se às limitações impostas pela Lei de Sementes, as organizações participantes manifestaram ser “preciso lutar para reverter estes abusos” (ANA, 2007, p. 62).

A partir de toda a luta em prol de uma agricultura sustentável surge também conforme Sambuichi et al. (2017) a Política Nacional de Agroecologia de Produção Orgânica (Pnapo) instituída por meio do Decreto 7.794 em 2012.

³ Registro Nacional de Sementes e Mudas

A Política Nacional de Agroecologia de Produção Orgânica (Pnapo) foi instituída em 2012, por meio do Decreto no 7.794, com o principal objetivo de integrar, articular e adequar as diversas políticas, programas e ações desenvolvidas no âmbito do governo federal, que visam induzir a transição agroecológica e fomentar a produção orgânica e de base agroecológica, contribuindo para a produção sustentável de alimentos saudáveis e aliando o desenvolvimento rural com a conservação dos recursos naturais e a valorização do conhecimento dos povos e comunidades tradicionais. A instituição desta política veio em resposta à reivindicação apresentada pelas mulheres do campo e da floresta durante a 4a Marcha das Margaridas, realizada em 2011. (SAMBUICHI et al., 2017, p. 12).

Paralelamente a luta em prol das sementes crioulas e da agroecologia é instituída no país, a lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006 que cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN e define o conceito de SAN. – Segurança Alimentar e Nutricional em seu artigo 3º, objetivando garantir, a todos, não só alimentos básicos de qualidade, com base em práticas alimentares saudáveis, mas também em quantidades suficientes, de modo permanente, e sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, contribuindo dessa forma para que as pessoas tenham uma existência digna.

Sendo assim a Segurança Alimentar e Nutricional exige um conjunto de estratégias que não podem ser consideradas de modo isolado e sim de maneira intersetorial e participativa, de acesso à terra urbana, rural e território, de garantia de acesso aos bens da natureza: sementes, água para consumo e produção de alimentos, além dos próprios serviços públicos (saúde, educação, transporte, entre outros) já que consiste na efetivação de um direito como é preconizado na lei. Portanto, se faz necessário ter como base práticas alimentares promotoras da saúde, que respeitem a diversidade cultural e ambiental, econômica e socialmente sustentáveis. A agroecologia e a agricultura familiar estão totalmente inseridas neste processo e devem ser valorizadas como uma das vias de acesso à conquista deste direito. É importante observar que a Segurança alimentar e nutricional - SAN extrapola o nutricional e abrange não só a diversidade dos alimentos, mas também a cultural, econômica e socialmente sustentáveis aproximando o conceito de SAN do conceito de Soberania Alimentar – SOBAL conforme vemos abaixo.

Consequentemente temos a Soberania Alimentar que se torna a cada dia um conceito considerado pelos estudiosos como decisivo. Conforme Conti (2009) uma Nação ou região unicamente é soberana quando possui autonomia para

decidir, livre de qualquer forma de pressão, sobre sua política social, econômica, cultural e ambiental. A Soberania Alimentar nada mais é que exercer estes direitos na alimentação. Portanto compreendeu-se, de forma mais ampla, que a soberania alimentar significa garantir a soberania não apenas de grupos específicos (agricultores, extrativistas, pescadores, entre outros), mas de toda uma nação, sobre sua cultura e sobre os bens da natureza e, principalmente garantindo seu direito de escolha sobre o que comer.

Tal soberania é fundamental para as populações do campo, que tem condições de vivenciá-la:

Sistemas alimentares e agrícolas sustentáveis e inclusivos estão intrinsecamente ligados ao modo de vida da agricultura familiar/de pequeno porte e seus meios de produção porque geram trabalho produtivo para os jovens nas comunidades rurais. Por sua vez, se as iniciativas econômicas dos agricultores familiares progredirem de acordo com os padrões do comércio justo, será possível encontrar a chave para a erradicação da pobreza rural. A agricultura familiar é uma oportunidade de promover a economia local, sobretudo quando combinada a políticas específicas de proteção social e bem-estar das comunidades. (MOREIRA, 2014, p.1)

Ao contrário da agricultura industrial, que para Esquinas-Alcazar (2014, p.10):

O capital internacional e as grandes companhias de produção de sementes estão promovendo um tipo de agricultura industrial baseada na uniformidade, onde um pequeno grupo de variedades vegetais e raças animais uniformes e homogêneos estão substituindo em todo o mundo uma enorme diversidade de espécies alimentares. Alguns acordos internacionais com o comércio, certificação de sementes e direitos de propriedade intelectual, assim como a própria legislação nacional de muitos países, estão contribuindo para este desatino.

De acordo com o estudo acima realizado, ficou claro que a posse das sementes crioulas é um dos primeiros vestígios da possibilidade de existência da Segurança Alimentar e Nutricional, pois não depender de empresas para ter sementes é o primeiro passo. As sementes crioulas em nossa atualidade possuem

sem nenhuma dúvida um diferencial em relação a quaisquer outras sementes manipuladas nos laboratórios das empresas como pode ser observado na fala dos autores estudados. Por serem patenteadas pelas empresas as sementes de laboratório muitas vezes são de difícil acesso para os pequenos agricultores que não tem disponibilidade de comprar os “pacotes agrícolas”.

Ao passo que as sementes crioulas nas comunidades são praticamente de todos: quem tem a semente passa para quem não tem. O modo de vida dos agricultores familiares tem sustentabilidade, pois os mesmos trocam não apenas as sementes, mas experiências entre eles de todo o processo de vida, sejam eles no plantio, na colheita, no cuidado com o solo, ou melhor, eles amparam uns aos outros falando das experiências que dão certo e que não dão. O agricultor familiar vive em comunhão com seus modos de vida... Fala do senhor Virgílio do assentamento Sílvio Rodrigues: “nós só, somos frágeis, mas juntos somos a floresta inteira e viva, uma coisa ligando a outra e dando sustentabilidade”.

Observou-se que apesar dos inúmeros avanços legislativos que se articulam fica claro que as políticas públicas de forma predominante têm reforçado estratégias de exclusão dos agricultores (as) familiares visto estarem calcadas no modelo da “revolução verde” desprezando as estratégias locais de resgate e conservação de sementes. Portanto ainda “valorizam mais a produção para o mercado do que as estratégias de segurança alimentar e reprodução da agricultura familiar. ” (ZIEMBOWICZ, 2007, p. 1074).

Se faz necessário quando se trata do resgate das sementes crioulas e da sua conservação, levando em conta a legislação já existente, que se dê maior atenção as mulheres agricultoras que possuem motivação e se colocam dispostas a participar de programas e de ações articuladoras relacionados ao resgate de variedades locais, conforme Canci e Canci (2007) surge a necessidade não apenas de que se criem legislações específicas para as mulheres agricultoras, visto que as políticas gerias acabam enfocando mais os agricultores do sexo masculino. Estes autores ainda esclarecem que o resgate e a conservação das espécies de sementes crioulas devem ser fortalecidos nas redes informais de intercâmbio presentes nas comunidades. No caso desta pesquisa, temos como exemplo, a possibilidade de estimular o resgate por meio da troca de sementes crioulas entre os grupos de agricultores de localidades rurais no entorno de Alto Paraíso de Goiás, ainda que numa rede inicialmente informal.

É necessário que se compreenda ainda que tanto as sementes crioulas, quanto a agroecologia e a segurança alimentar encontram-se entrelaçadas não só por serem de sustentabilidade e alimentação, mas principalmente pelo respeito e enfoque que trazem sobre a cultura dos povos.

O consumo de alimentos deve também levar em conta as preferências alimentares de forma a salvaguardar as características culturais de cada povo em termos de costumes, tradições ou credos religiosos que se manifestam no consumo de alimentos. (PINTO, 2013.p.14)

A agroecologia por sua vez desde seus primórdios vem lutando contra o modelo tecnológico difundido na agricultura por entender que ele é “injusto com as populações tradicionais do campo e da floresta, retirando delas a sua autonomia e as condições econômicas e sociopolíticas necessárias para manter os seus territórios, a sua cultura e o seu modo de vida.” (SAMBUICHI et al. 2017. p. 13)

Agroecologia adota um enfoque holístico e uma visão sistêmica, permitindo “uma melhor análise e entendimento sobre a realidade sociocultural, sobre os agroecossistemas e sobre o potencial endógeno da dimensão local, especialmente os saberes e sistemas do conhecimento presentes e atuantes nas formas de organização e de vida dos diferentes grupos sociais” (CAPORAL, 2009, p. 221).

As Sementes Crioulas representam uma forma de autonomia dessas populações, pois são obras da natureza e configuram experiências camponesas e indígenas historicamente construídas. Elas são uma criação coletiva dos povos que reflete a história especialmente das mulheres que foram as primeiras a cultivarem as 4 sementes, sendo que garantiram através da história sua permanência e se tornaram suas principais guardiãs (FERREIRA, 2008).

Com isso as sementes crioulas são fundamento e produto de culturas e sociedades ao longo da história. Nelas se incorporam valores, afetos, visões, mitos, e formas de vida que ligam ao âmbito do sagrado. Nesse sentido as sementes crioulas constituem um meio de sustento e soberania das Comunidades Camponesas e dos povos, garantindo a construção histórica e cultural. (RIBEIRO; CARNEIRO, 2004, P. 4)

As sementes crioulas trazem em si não apenas o genoma biológico, mas todo um arcabouço histórico envolvendo relações entre os povos e a terra, relações dentro da própria comunidade e também relações dos povos entre si que extrapolam as etnias e muitas vezes as distâncias espaciais.

3. AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS E O CENÁRIO DA PESQUISA

FIGURA 1 - MAPA DA COMUNIDADE DO SERTÃO



Fonte: Adaptado de Google Earth, elaborado por Leciane Moreira da Mata (2018)

A partir do meu conhecimento sobre a comunidade do Sertão, de minha vida nessa comunidade e dos estudos desenvolvidos durante meu percurso acadêmico, surgiu o tema das sementes crioulas, como parte da cultura local e que envolve não apenas a agricultura familiar, mas toda uma complexa teia de relações sociais. Por isso, optou-se pela pesquisa etnográfica - método que defende exatamente o convívio do pesquisador com o seu objeto de estudo, visando relatar de forma mais fidedigna como se forma, se relaciona e se organiza uma comunidade (ANDRE, 1995).

O Sertão, comunidade aonde se pretende realizar esta pesquisa, localiza-se na área rural do município de Alto Paraíso de Goiás. Seu acesso se dá por estrada de terra, a GO-239, com distância de 25 km da sede do município de Alto Paraíso de Goiás, depois de passar pela entrada para o povoado do Moinho.

Nesta Comunidade, residem cerca de (75) setenta e cinco famílias, de acordo com dados da Unidade de Saúde da Família - USF (2018) (Anexo), que formam uma população aproximada de (250) duzentas e cinquenta pessoas. Essas famílias pertencem à comunidade de agricultores familiares, constituída de gerações que viveram e que permanecem nesta região há muitos anos.

O principal meio de sobrevivência desses moradores, de acordo com Laranjeira et al. (2012) baseia-se na agricultura familiar de subsistência, com produção de milho, feijão, abóbora, amendoim, mandioca, cana de açúcar, rapadura, banana, cará do ar, inhame, hortaliças, criação de galinha, suínos, bovinos e derivados do leite e arroz. O arroz era plantado por quase todas as famílias, mas, em 2014, somente o Sr. Dercino plantou e colheu cerca de seis sacas, e disse: “minha filha, a chuva já não existe mais como antes; não sei se plantarei mais, a chuva sumiu não é mais como antes” (informação verbal)⁴. As famílias da comunidade contam com a feira na cidade para a venda do excedente de sua produção, mas só uma das famílias faz o uso dela. (BERNARDES, 2015)A comunidade do Sertão é constituída em sua maioria, por agricultores familiares, aposentados e trabalhadores assalariados, como: gerente de fazenda, tratoristas, professor(a), diretor escolar, coordenadora escolar, empreiteiros de roçada, cabeleireiro, artesãs de tapetes e colchas de retalho, construtores, pastores, merendeira, serviços gerais na escola, diaristas, vaqueiros, pedreiros, eletricitas de pequeno porte, pais que trabalham no feitiço de cerca de arame, e também muitas vezes para complementar a renda com o agroextrativismo do baru, açafraão entre outros.

Das 75 famílias moradoras no Sertão, somente (01) uma traz seus produtos para vender na feira ou em comércios locais. Ainda falta organização local e municipal que favoreça a todos com a venda, valorizando os produtos. O comércio local, com poucas exceções, não prioriza a compra de produtos da

⁴Entrevista concedida por Senhor Dercino à autora.

agricultura familiar local para revender em seus estabelecimentos, a prioridade dada é para compra de produtos alimentícios vindos de outros centros (CEASA) para abastecer a cidade, tornado, principalmente, a alimentação mais cara e sintética.

Quanto ao aspecto cultural da comunidade estudada, predominam raízes do campesinato e pequenas influências da zona urbana. São diversificadas no aspecto religioso, como: religião católica, evangélicas e correntes não identificadas. (BERNARDES, 2015, p.6)

Bernardes (2015) em sua pesquisa ao caracterizar a comunidade do Sertão também fala, ainda que superficialmente, sobre a agricultura familiar e como ela foi afetada devido ao desaparecimento das sementes crioulas.

Entre os vários moradores cujos filhos e netos foram entrevistados, Bernardes (2015) se detém na fala de alguns anciões:

[...] dona Benedita Taveira dos Santos (Figura 2), em 1984 plantou arroz em sua terra e diz que hoje não planta mais, devido à seca, e que nesse período em que plantava sua família tinha muitas variedades de sementes, e que hoje já não existe mais quanto antes. Nesse período eles tinham banco de semente (móvel) às sementes crioulas eram armazenadas de um ano para o outro, e logo eram colocadas na terra, após a colheita eram feitas as seleções das melhores sementes e armazenadas. [...]. Na comunidade, segundo a dona Benedita, os moradores trocavam sementes, aqueles vizinhos que não tinham uma determinada semente trocavam com o outro... e nessa relação de troca os agricultores (as) viviam farturas em questão de semente. Ainda de acordo com ela, hoje em pleno século XXI, já percebe que não existe a mesma fartura de sementes que antes e se diz preocupada, ela falando “minha filha se o povo perder as sementes e ficar na mão dos vendedores de sementes estamos todos perdidos, porque as sementes que vem dos mercados a gente planta só uma vez e depois tem que comprar de novo, se quisermos plantar, e se não tiver a semente, aí vamos passar fome...porque quem tem a semente tem comida na mesa. Quem não tem vai ficar na mão de quem tem. (BERNARDES, 2015, p.7)

FIGURA 2. Dnª BENEDITA.



Fonte: Fotografia feita pela autora

Percebe-se pela fala da anciã que havia a preocupação com a Segurança Alimentar das pessoas da comunidade já em 2015. Como ela mesma diz, “quem tem a semente tem comida quem não tem vai passar fome.” (BERNARDES, 2015, p, 8)

O viés etnográfico que conduz esta pesquisa abrange a descrição dos eventos que acontecem na vida de um grupo e a devida interpretação do significado desses eventos para a cultura do grupo, sempre dando ênfase para as estruturas sociais e o comportamento dos indivíduos enquanto membros do grupo (GODOY, 1995).

Propõe-se ainda, segundo a autora, que seja feita ampla descrição de modo a envolver aspectos como: história, religião, política, economia e ambiente, pois parte do pressuposto de que “descrição e compreensão do significado de um evento

social só são possíveis em função da compreensão das inter-relações que emergem de um dado contexto. ” (GODOY, 1995).

Corroborando com a fala de Godoy temos André (1995 p. 25) que afirma: “o foco de interesse dos etnógrafos é a descrição da cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados) de um grupo social”. E ainda Sousa (2018, p. 8) “O método etnográfico ressalta a interação entre o sujeito e o seu objeto de estudo, no caso, aquele o pesquisador e este as comunidades, nesta relação cultural entre pesquisador e pesquisado, ambos parecem se fundir. ”

Associado à pesquisa etnográfica temos a história de vida e como técnica a história oral para a coleta de dados. Compreende-se a história de vida como “um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida. ” (CHIZZOTTI, 2011, p. 101).

A primeira forma de comunicação a que todas as pessoas estão sujeitas é a oralidade, por meio dela se revela sua identidade pessoal, ideológica e cultural, sendo assim, a oralidade é um fenômeno que se encontra relacionado diretamente a cultura de um povo(RIBEIRO; PEREIRA, 2002).

Segundo Muylaert et. al. (2014, p. 197) a “pesquisa qualitativa se preocupa em capturar um nível de realidade que não pode ser mensurado quantitativamente” e afirmam que “a narrativa é a objetivação do pensamento, dado que o pensamento externalizado é apreendido em sua forma de relato oral. ” Portanto as narrativas, segundo os autores, são consideradas ferramentas apropriadas para o estudo qualitativo. No caso desta pesquisa por meio das narrativas dos moradores do Sertão se objetiva investigar as percepções destes frente ao desaparecimento das sementes crioulas.

Sousa (2018, p. 10) por sua vez esclarece que a História Oral é um método eficaz de coleta de dados “em se tratando de comunidades tradicionais o pesquisador precisa recorrer às fontes orais de informações, reconstruir memórias, informações, fatos que ajudaram na tessitura da história desse grupo social. ”

Esta forma de abordar o sujeito da pesquisa sugere capturar a fala a partir de um posicionamento bastante diferenciado da entrevista semi-dirigida.

Desta forma como metodologia de pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, utilizando como estratégia a entrevista narrativa, numa perspectiva etnográfica, pois se considerou diversos elementos da cultura.

Quanto ao procedimento metodológico, este se pautou em Albertini, (1990) que assim orienta o proceder do pesquisador: o número de colaboradores na história oral leva em conta em um primeiro momento os objetivos da pesquisa, delimita-se pela contribuição efetiva que possam oferecer para que a pesquisa alcance os objetivos propostos. Segundo o autor não há um quantitativo pré delimitado devendo a seleção preocupar-se com “a posição do entrevistado no grupo, no universo da pesquisa, no significado que sua experiência pode ter e trazer no desvelamento do objeto da pesquisa. ” (p.31). Deste modo, “convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos. ” (ALBERTINI, 1990, p. 31-2).

Em relação aos procedimentos metodológicos realizados nesta pesquisa quanto a escolha da população e delimitação da população, levou-se em consideração a faixa etária dos moradores, assim delimitados: 10 moradores entrevistados entre 60 a 88 anos (representando as gerações mais idosas); 4 moradores entrevistados com idade entre 40 e 42 anos e os da geração mais jovem entre 15 e 25 anos com apenas 4 entrevistados, totalizando 18 moradores da comunidade. Observou-se a existência de espaços vazios quando se realizou a entrevista com o segundo grupo. Não foram encontrados maior quantidade de residentes entre os 21 e 25 anos – faixa etária onde os jovens saem da comunidade para trabalhar e estudar na região, alguns em Alto Paraíso outros em Brasília, Goiânia, etc. Na faixa etária entre 43 e 59 anos existem alguns moradores que preferiram não participar do estudo.

As mesmas perguntas foram usadas em todos os grupos entrevistados. Foram elas: Como vocês lidavam com as sementes antes? E como vocês lidam hoje? Porque mudou? E os impactos ao longo da vida?

As perguntas norteadoras usadas permitiram desdobramentos conforme surgiam temas como: hábitos e formas de relacionamento dos agricultores entre si, com suas famílias e com as sementes, diversidade das sementes, possíveis rituais ligados ao plantio, manejo e colheita, economia e troca de sementes na comunidade, o objetivo do cultivo (subsistência e/ou venda), se esse objetivo se mantém o mesmo hoje.

O tempo delimitado pelas faixas etárias escolhidas é o fator preponderante para identificar a percepção sobre a diferença nas relações sociais dos membros da

comunidade, de acordo com a geração, e principalmente a percepção sobre a importância, de ser guardião da semente, e não comprá-la. Qual a importância dada pelos entrevistados a isso.

A análise foi realizada pelas faixas etárias, a partir das respostas às perguntas norteadoras usadas nas entrevistas. A cada pergunta foram trazidas as respostas dos entrevistados, algumas parafraseadas e outras copiadas na íntegra. Serão analisados os pontos em comum e as possíveis divergências.

Em relação ao perfil dos entrevistados foi realizada uma breve descrição, quando havia algum fator que pudesse ser considerado relevante.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a análise e discussão dos resultados foram realizadas várias formas de aglutinação das informações das entrevistas, na tentativa de facilitar a compreensão dos resultados encontrados. Como forma de identificar as mudanças ao longo da história da comunidade, a categorização das respostas foi realizada por faixa etária. O intuito de registrar a narrativa dos entrevistados e o enfoque etnográfico resultou em grande complexidade dos dados coletados, principalmente nas entrevistas com os anciões. A riqueza e complexidade das respostas dadas por cada ancião em suas narrativas, devido às reminiscências trazidas, impediu que houvesse uma linearidade em suas respostas.

4.1 ENTREVISTADOS NA FAIXA ETÁRIA ENTRE 60 A 88 ANOS

Na faixa etária dos entrevistados mais idosos entre 60 a 88 anos foram encontradas maiores concordâncias, levando-se em conta as perguntas que nortearam as entrevistas.

Uma grande emoção perpassou todas as narrativas, não sendo possível separar a agricultura familiar, as sementes crioulas, seu cultivo e seu manejo das relações sociais, e principalmente da religiosidade da maioria dos entrevistados.

Observou-se também que a forma de se lidar com a terra e as sementes foi a mesma para as gerações mais idosas, o plantio era feito de forma manual, não existia máquinas ou qualquer equipamento, o cuidado com a terra, a adubação tudo isso era feito de forma cuidadosa. A seleção das sementes após a colheita, seu manuseio e sua estocagem também eram bem similares em todas as famílias. Salienta-se também que para os entrevistados havia diversidade alimentar devido a variedade de sementes plantadas. Durante todas as narrativas a cultura do coletivo, da troca de sementes entre os moradores, os mutirões, a fartura alimentar ficou bem marcada. Enfim não foram encontradas grandes diferenças entre estas narrativas:

[...] a terra arada não é boa, naquele tempo que a gente tinha roça de toco era melhor... a cinza ajuda muito, o adubo mais é as cinzas. Eu plantei lá eu não pus adubo... a gente não pode escolher qualquer terra, ela tem que ser selecionada, porque qualquer terra ela não dá mesmo, aí não precisa de colocar adubo [...] (informação verbal)⁵

Na época eu plantava de enxada, cavava ou (cavucava) para pôr o milho na cova, não era máquina não. Seu pai ia (cavucando) e eu botando o milho na cova, três, quatro caroços de milho na cova e ia passando o pé. O feijão era armazenado no surrão. O surrão, a gente pegava o couro ia costurando, furava ele com agulhão, e ia enfiando... com a correia mesmo do couro, até fichar ele tipo um balão torto... O armazenamento no surrão era melhor. Para proteção da semente de feijão era guardado na cinza, misturava a cinza no feijão e guardava, durava de um ano para o outro, no período de plantio a semente estava sadia. A gente ia mexer com o feijão ele estava (sadiim). [...] a gente aprendia, escolhia as melhores espigas de milho. Guardava no paiol, paiol de milho, (na tuia⁶) o que era para plantar. (informação verbal)⁷

A gente guardava no surrão, aí a gente guardava arroz na pipa, a gente fazia um quadrado de barro e guardava o arroz, o feijão no surrão, não dava caruncho, o tratamento era sem agrotóxico. Passava barro na semente, para guardar, como todo mundo, isso não dava caruncho... cinza misturado com formigueiro, misturava no feijão para conservar a semente... com os

⁵Entrevista concedida por JBF, 74 anos à autora em 2018.

⁶ Depósito afastado da casa, base de madeira suspenso coberto nas laterais e fundo com palha de arroz e coberto em cima com folha de guariroba, para guardar arroz a granel em casca.

⁷ Entrevista concedida por BTS – 72 anos à autora em 2018.

surrões de feijão, eles brincavam de cavalo, e eles também serviam de assento. Ao mesmo tempo, que cuidava das sementes, as crianças brincavam com os surrões, nessa relação, tinha o artesanato, de construir os surrões, fazia pipa de barro, papai construía as bruacas, para buscar coisas da roça[...] (informação verbal)⁸

FIGURA 3. Dnª JOANA. USANDO VESTIDO ESTAMPADO.



Legenda: Descascando mandioca para o feito da farinha.

Fonte: Fotografia feita pela autora

FIGURA 4. ELITA.



⁸ Entrevista concedida por JTS – 61 anos à autora em 2018.

Fonte: Fotografia feita pela autora

A gente não comprava semente não, [...] o milho amarrava as espigas de duas em duas e fazia o ATIE⁹ e amarrava na cumeeira da casa. O arroz pegava vários cachos fazia um molho, escolhendo as melhores sementes e colocava na vara... nessa vara colocava vários molhos e dependurava próximo ao fogão... ali ela estava guardada para o próximo ano... no ano seguinte ela ia para a terra... Naquela época era assim: eu não tenho a semente o vizinho tinha, aí eu também tinha, eu plantava, após a colheita, devolvia a semente, ou então, era a base da troca, o que um tinha trocava com o outro, e assim todos tinham... nessa ida na casa do outro demora quase a tarde toda batendo papo...nessas conversas saía de um tudo, conversa sobre o plantio, se era roça nova, ou já era capoeira, como derrubou a roça nova, quanto gastou, qual semente ambos tinham...” (informação verbal)¹⁰

A gente juntava todo mundo, o povo da comunidade, gostava de fazer mutirões, era uma organização onde reunia, vários trabalhadores da comunidade para limpar a roça de uma família, e assim se revezava, uns com os outros... após a limpa da roça, o dono da roça não pagava em dinheiro. Porém tinha que fazer um baile, em sua casa, onde recebiam todos os trabalhadores, os quais tomavam um banho, colocava sua melhor veste, perfume, sapato, para dançar a noite toda, e esse rito se repetia na comunidade toda. [...] “adjunto” quem era o dono da roça, ia para sua roça e mandava um rapaz, para avisar que o proprietário da roça estava a esperar pelos companheiros, ali o dono da roça dava um farto almoço, e após o término da limpa cada um ia para sua casa. Ninguém pagava dia, de serviço, era tudo uma troca, mas, sem baile a noite. O carro de boi era usado para transportar a colheita... nas festas vinha muita gente de longe. Nesse período as relações, era de troca de sementes, quem tinha dava para quem não tinha...olha fulano, vou te dar, se eu não colher, você colhe e guarda para min. Eles plantavam mais para comer. (informação verbal)¹¹

Existiu um tempo aqui, que a gente não comprava nada, morei aqui há 20 ou 25 anos, nós tínhamos tudo, o arroz, o porco gordo, tinha o feijão, tudo produzido aqui dentro. Não tinha aquele negócio do cara sair da sua casa para buscar um saquinho de lã na frente, ele tinha tudo aqui, nos produzíamos tudo aqui, quantos sacos de arroz, e carro de milho eu não ajudei colocar nesse Sotomó¹². Às vezes eles quer comer alguma coisa diferente, eles chegam na casa do pai e leva. Não existe viver mais nas cidades porque os grandes mercados não deixam a gente viver mais, esses dias lá em Alto Paraíso, o cara falou assim, não é para vender nada na rua. (informação verbal)¹³

⁹Forma de amarração das espigas de milho ainda na palha, a palha das espigas é amarrada uma na outra. [n.a.]

¹⁰Entrevista concedida por EM – 63 anos à autora em 2018.

¹¹ Entrevista concedida por JTS, 61 anos, à autora em 2018.

¹²Deposito separado da casa para armazenagem do milho nas espigas em palha. [n.a.]

¹³ Entrevista concedida por VLG, 69 anos, à autora em 2018.

Segundo os entrevistados a mudança com o cuidado com a semente se deve às mudanças na agricultura, na modernidade, nas próprias relações familiares e sociais. Percebe-se de forma muito clara o impacto destes fatores nos entrevistados durante suas narrativas. Percebe-se que para os idosos o “país” obrigou a utilização de sementes compradas e conseqüentemente o uso de venenos, em nem um momento isto foi percebido como algo bom para os agricultores (as) da comunidade, eles tiveram durante todo o tempo a noção clara do desgaste e envenenamento do solo e do gradativo desaparecimento das sementes crioulas.

[...] as doenças eram muito difícil de aparecer, a terra era boa, forte, agora esse ar cheio de veneno, a terra vai enfraquecendo. [...]. Eles cuidavam das sementes, como a semente de feijão, era com cinza, pulverizava ele, e não estragavam... hoje é tudo com veneno né, naquela época a semente era tratada era com cinza. (informação verbal)¹⁴

[...] hoje o povo deixa talhão de milho na roça com veneno para matar os periquitos. Hoje em dia não existe mais, hoje mudou as sementes tudo. O país mudou a planta toda. Antigamente você plantava o milho branco era seis meses para colher ele, hoje você colhe milho com 90 dias, plantava em outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro ia colher o milho, milho branco, né, hoje com três meses esses milhos estão bons para colher. (informação verbal)¹⁵

FIGURA 5. SR. BENEDITO



¹⁴Entrevista concedida por GPS, 76 anos, à autora em 2018.

¹⁵ Entrevista concedida por VLG, 69 anos, à autora em 2018.

Legenda: Sr. Benedito com a pesquisadora.

Fonte: Fotografia feita pela autora

O arroz não tem mais, aqui não tem porque ninguém planta, das sementes velhas que a gente plantava, as sementes velhas não têm mais não, acabou, tem a que vem do mercado, feijão mulatinho, feijão rochão, feijão pardim, feijão caboclo, arroz não pode nem falar mais, porque, acabo. (informação verbal)¹⁶

FIGURA 6. Sr. ERMES



Legenda: O Sr. Ermes está usando camiseta amarela.

Fonte: Fotografia feita pela autora

[...] fava vermelha que o padre Beno, trouxe da Bélgica, fava do padre, fava roxinha, eu mesmo plantei, e tenho dela plantado aqui no meu quintal, eu sempre tenho semente, e planto um pé, dois para não perder a semente, ninguém planta. [...] hoje e bem diferente as relações com as sementes, tinha um respeito, hoje já não tem mais, antigamente compadre era compadre, comadre era comadre, hoje já não tem mais, hoje não tem mais compadre e nem comadre, entendeu. Hoje não existe mais isso. Tudo o respeito perdeu, das sementes, com as pessoas, tudo, não tem, o cuidado era muito importante com as sementes.(informação verbal)¹⁷

¹⁶ Entrevista concedida por BFS, 86 anos, à autora, em 2018.

¹⁷ Entrevista concedida por. EM, 68 anos, à autora, em 2018.

FIGURA 7. Dn^a. BERNARDINA

Legenda: Dn^a. Bernardina com a pesquisadora.

Fonte: Fotografia feita pela autora

[...] ele (marido) imunizava elas, a gente não gosta de nada envenenado... ele imunizava com barro, barriava o feijão e guardava para plantar, o arroz ele colhia fazia o molho e colocava em cima da casa era para guardar, para plantar no outro ano. Como era a relação de um vizinho com o outro com as sementes... quando não tinha a gente ia na casa de seu pai, ele dava para nós, e quando nós colhíamos passávamos para ele... assim era quando matava um bichinho, dava um pedaço para um, para o outro. (informação verbal)¹⁸(BAT – 65 anos, 2018)

Eu plantei roça o ano passado, mas as sementes foi tudo comprada, eu plantei mandioca, eles foi pegando por aqui mesmo, (ela se refere à maniva da mandioca que ela tem plantada no quintal), eles foi pegando daqui mesmo, bem aqui pertinho, mesmo. [...] Hoje você encontra, mas não é a coisa boa que tinha de primeiro não, as sementes eram boas, boas mesmo... A gente tinha muitas qualidades de sementes [...] (informação verbal)¹⁹

¹⁸ Entrevista concedida por BAT, 65 anos, à autora, em 2018.

¹⁹ Entrevista concedida por MDCM, 63 anos, à autora, em 2018.

Nas narrativas citadas acima temos sem dúvida os aspectos que nos remetem a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e a promoção da alimentação saudável essenciais para a saúde e qualidade de vida. As autoras Rodrigues et. al. (2012) tratam dessa temática em seu trabalho sobre SAN quando dizem que: “[...] além de promover a alimentação saudável, é preciso, também, promover a alimentação sustentável, que utiliza os produtos industrializados com moderação, valorizando os produtos regionais e a culinária tradicional.”(p.23)

A mudança no modo de se viver em comunidade é vista com tristeza pelos entrevistados mais velhos, as mudanças nas relações entre parentes, amigos, vizinhos bem como a desunião, a falta de respeito, o desamor, a falta de diálogo foram temas trazidos nas narrativas entremeando as próprias falas sobre as sementes. Um ponto que se deve destacar é a erosão genética que se percebe em todas as narrativas, mesmo a dos mais jovens (como poderá ser visto no decorrer desta análise). Machado et. al. (2008) fala sobre este problema e afirma que se trata de uma preocupação mundial, inclusive muito debatida a Rio-92 (há 26 anos atrás) e apesar da aprovação em 1996 do Plano de Ação Global sobre Conservação e Utilização Sustentável de Recursos Genéticos de Plantas para Alimentação e Agricultura ainda é um grande problema em nossa atualidade.

No referido documento, segundo os autores, tratou-se intensamente da segurança alimentar, entre outros temas que permeiam este estudo, e que podem ser observados nas narrativas dos entrevistados, independentes das faixas etárias e que só corroboram para demonstrar o quão devagar se tem caminhado quando se trata de erosão genética e de sementes crioulas, ao passo que quão acelerada é a perda das variedades. Machado et. al. diz:

[...] é extrema importância para a conservação e o uso sustentável da biodiversidade, como: a) a valorização dos conhecimentos e saberes agrícolas desenvolvidos por pequenos agricultores e povos indígenas; b) o reconhecimento da importância dessas comunidades para a conservação dos recursos genéticos; c) a importância da utilização de práticas agrícolas sustentáveis; e d) a valorização das variedades locais. (MACHADO, et. al., 2008, p. 31)

Vejamos as narrativas:

O modo de trabalhar, o povo não quer mais, (o modo quer dizer, braçal) agora vem tudo empacotado, tudo fácil, aí ninguém quer socar arroz, no pilão. Os vizinhos ajudavam, eram solidários, uns com os outros, como hoje eu estou fazendo farinha, tirando polvilho, os vizinhos ajudavam. [...]. As relações das sementes, antes para hoje teve uma grande mudança. As plantas não adoeciam, era muito saudável. Hoje em dia, o milho quando você planta, e ele já está embonecando²⁰, ele dá semente toda deformada, dá um caroço inteiro, na espiga, parece que é um excesso de alguma coisa, antes falava é a boba do milho. Antes quando vinha a colheita, nos já tirava as sementes. Exemplo, se a gente tivesse a semente do milho, e do feijão, e você não tinha, já fazia aquela troca. Já esse milho que a gente compra, já não serve para plantar no outro ano. [...]. Quando a gente compra a semente nos mercados, nós não somos donos da semente. Porque eu planto no ano que compro, já no outro ano, tenho que plantar de novo, ir para o mercado comprar de novo. Antes a semente eu tinha, os vizinhos tinha, todo mundo tinha, a gente plantava para ter comida, para nossos filhos [...] (informação verbal)²¹

“Eu acho que mudou porque antes tinha mais fatura, porque, antes todo mundo plantava, eu plantava, fulano plantava beltrano plantava, todo mundo colhia, se não desse para vender, mais dava para o consumo de casa, agora ninguém planta, o vizinho não planta, se a gente plantar um arroz aqui hoje, não tem máquina de limpa, a máquina de Alto Paraíso não vai limpar uma saca de arroz²², o meu vizinho para limpar um saco de arroz tem que levar em Flores, laciara, ai ele tá sabendo que vai comer mas socado no pilão. (informação verbal)²³

²⁰Quando sai a boneca do pé de milho – o sabugo com os cabelinhos antes de dar o caroço. [n.a.]

²¹ Entrevista concedida por JTS, 61 anos, à autora, em 2018.

²² A máquina de arroz só limpa uma grande quantidade, ser usada para limpar apenas uma saca de arroz sairia muito caro para o pequeno agricultor. [n. a.]

²³ Entrevista concedida por JBF, 74 anos, à autora, em 2018.

FIGURA 8. DNA. GENEZI E SEU ESPOSO.



Fonte: Fotografia feita por Sandra Bernardes.

FIGURA 9. Sr. JERCI



Legenda: Sr. Jerci é o que está de pé, com a camisa azul.

Fonte: Fotografia feita pela autora

Hoje, eu acho o respeito muito pouco, meu pai me criou, se ele estivesse conversando e chegasse todo mundo voltava para trás, nem encostava, a tecnologia hoje está muita avançada, hoje está muito diferente do que antes, e cada dia que passa está mudando, você acha que o que passou hoje vai passar amanhã, não vai não, já é outro tempo. (informação verbal)²⁴

[...] está fazendo dó de ver as sementes de abóbora perder, se aqui tivesse uma fábrica de doce, para a gente vender, mas não tem. Para um caminhão de fábrica vir aqui para buscar duas mil abóboraseles não vêm. Nós passamos o dia todo plantando sementes.... Então a gente vai cortando para o gado. (informação verbal)²⁵

Só sei dizer que a gente era mais feliz que hoje..., sei lá, parece que antes era tudo tranquilo. Parece que tudo trazia mais felicidade, tudo era mais feliz, nós ajudávamos pai a bater feijão, arrancar feijão, sobrar feijão, soprar arroz encoivarar²⁶, todo mundo se ajudava, ajuntar os ciscos, hoje está mais diferente... (informação verbal) ²⁷

[...]. Hoje não? É diferente. A noite a gente juntava para contar história todo mundo contava história, na beira da fogueira, fazia fogo... a gente nem tinha vontade de dormir, só para ouvir os causos.... Hoje já não tem mais a contação de história. As relações das pessoas de antes e agora, mudou muito. Aí vem a televisão, a internet, aí dá mais importância para essas coisas. Larga a visita e dá atenção só para a televisão.... Quando chega uma visita na minha casa, eu desligo a televisão, e vou dar atenção. Mas tem pessoas que fica vidrado, ainda manda o outro calar a boca quando conversa, acabou, o bate papo, aquela coisa gostosa que tinha antes, acabou. (informação verbal)²⁸

²⁴ Entrevista concedida por GPS, 76 anos, à autora, em 2018.

²⁵ Entrevista concedida por JBF, 74 anos, à autora, em 2018.

²⁶ Empilhar a madeira de árvores derrubadas para roça de toco. [n.a.]

²⁷ Entrevista concedida por EM, 63 anos, à autora, em 2018.

²⁸ Entrevista concedida por MDCM, 63 anos, à autora, em 2018.

Nas narrativas acima podemos agrupar as seguintes similaridades nas percepções dos anciões: a modernidade trouxe facilidades que por um lado acabaram sendo ruins, afastaram as pessoas, geraram mudanças nos modos de vida e de trabalho, a necessidade de se sair para buscar outras formas de geração de renda – a mãe saindo do núcleo familiar ocasionou um afastamento entre os membros da família o que afetou diretamente a educação dos filhos. Um ponto importante a percepção de que não são donos das sementes que compram.

Um ponto interessante nas narrativas dos entrevistados é a importância dada também à biodiversidade da fauna do cerrado, e ao meio ambiente de forma geral. Nas narrativas está presente a existência do extrativismo e também da caça e pesca, mas de forma consciente, e que hoje acontece de forma desordenada e sem controle causando grandes impactos no Cerrado e conseqüentemente na vida dos agricultores.

O que mais impactou ao longo desses anos foi à natureza, teve desmate, o peixe não tem mais, acabou, entendeu, tinha muita caça, hoje não tem mais, então é uma crise dessas aí, acabou né.... Aqui tinha anta, galheiro, ema, tatu canastra, ainda é difícil mas encontra, nos pés de serra, ainda encontra raposa, ainda tem onça, a preta, a pintada a suçuarana, ainda tem, anta tem, eu mesmo tenho uma terra acolá, um barraco, que eu vejo o rasto da anta, ela está lá. O Parque para nos não faz diferença... benefício o Parque não traz.[...]. Os peixes estão acabando, hoje vem muita gente aqui, hoje eles passam a rede e pega os filhotes tudo, eles pega os pequenos e os grandes, acabou o respeito... antigamente se eu morasse perto de um poço, ninguém pescava nesse poço, hoje acabou isso, [...] A madeira do baru antes era usada para fazer estaca, para arame farpado. ' (informação verbal)²⁹

A religiosidade, os saberes tradicionais também estiveram presentes nas narrativas dos anciões como pode ser analisado no recorte das falas dos entrevistados.

[...] Minhas tias, eu me lembro, na cheia elas não plantavam, porque disse que na cheia, só dá folha, da cheia ela passa para minguante, ela vai minguando, e entra na nova, a lua nova para mim, pai sabia, e minhas tia também, ela tem muita força, eu quando quero fazer poda aqui eu espero a lua nova, nesses dias agora o dia doze é nova, eu espero três dias para eu poder fazer minha poda, porque a planta ela vai crescer, dar uns cachos bonitos, a lua para mim é muito importante nisso, a lua nova governa muito, as festas de São João que eles faziam antes, minha mãe, minhas tias eu

²⁹ Entrevista concedida por EM, 68 anos, à autora, em 2018.

ainda alcancei elas bem católicas, elas faziam sorteio em São João. Então, eles colocavam pedra se sal, hoje não existe pedra de sal, elas faziam o sorteio com pedra de sal, de cada mês, e era três meses de chuva, aquela pedra que ela tivesse colocado para outubro, e ela tivesse toda derretida, era um mês de chuva, aquela que tivesse só um pouquinho, era alguns dias de chuva, e o mês que ela escorria toda, era o mês de chuva, dava certinho. (informação verbal)³⁰

Ele (o marido) botava no centro da fogueira pronta pé de banana ou, de milho, era para enfeite. Para passar a fogueira eu fazia bolo de arroz, pão de queijo tudo eu fazia, eu socava esse arroz no pilão, para tirar o fubá e fazer o bolo, quando eu não tinha peneira, eu peneirava no quibano [...] Sempre meu marido fazia a fogueira e ficava olhando, ficava olhando... depois que ele adoeceu, ele fez a fogueira, ficou olhando aí ela caiu para o rumo da casa, aí meu marido falou esse ano o eu ou você morre, aí ele morreu, virou para cá, para o rumo de casa, o eu ou você... e ele morreu mesmo. O menino meu, esse ano (2018) ele fez fogueira e para não cair ele colocou os paus tudo no chão, para não cair... é uma besta, é que meu marido fazia assim né, era um quadrado de pau bem alto... aí ficava um vão no meio, aí colocava palha de milho, cana, pé de mandioca, banana, aí ela ia queimada, esse ano (2011), ela virou aí, ele falou ou eu ou você. Aí foi mesmo, ele morreu. (informação verbal)³¹

Quando dava lagarta no milho, chamava o vizinho que sabia reza, para benzer... ele vinha, benzia, e as lagartas, em questão de horas, elas iam embora. O Senhor Chico Goiano benzia, e pela fé, ele vinha, e a lagarta ia embora. Bicheira, tinha pessoas que benzia o rasto do gado, e curava, isso é um mistério, lá no senhor Oneí, ele fala...Quando nos compramos essa fazenda, tinha muita cobra, fulano benzeu, e elas foi embora, ou o benzedor recantiava³² as cobras, para que elas não ficassem passeando, em todo pasto, para não picar, os animais. Tudo era fé... (informação verbal)³³

Ele (referindo-se ao marido) dava as dicas, as coisas vai mudando, às vezes a gente fica até com vergonha de tá falando, ele (o marido) pegava sal, para saltar a fogueira, ele pegava a vasilha de sal para saltar a fogueira... em volta da fogueira para dar o gado, era remédio... era para o gado render e prosperar, passava com a cuinha de milho também, que era para dar para as galinhas, passava as sementes e dizia: me ajuda São Pedro, São Paulo e São João Batista, dava outra volta, ele fazia todo ano...Minha mãe fazia isso também. Ele sempre falava, meu pai fazia, minha mãe fazia, pegava cinza antes do sol sair para botar nos pés das plantas, pegava cinza para botar no feijão, para não carunchar, pegava a cinza antes do sol sair, pegava antes do sol sair, para não quebrar o encanto...pegava cinza para por nos pés de plantas. A senhora fazia também dona Messias, esses rituais. (informação verbal)³⁴

³⁰Entrevista concedida por GPS, 76 anos, à autora, em 2018.

³¹ Entrevista concedida por BTS, 72 anos, à autora, em 2018.

³² Aglomerar num só ponto [n.a.]

³³ Entrevista concedida por JTS, 61 anos, à autora, em 2018.

³⁴Entrevista concedida por MDCM, 63 anos, à autora, em 2018

Dona Messias (figura 10) faz a reza que a mãe gostava de rezar em proteção das sementes da sua família dos vizinhos.

BENDITO DE CHAMAR CHUVA...

Maria tava na beira do rio,
Lavando os seus panos do seu bento filho,
Ela lavava e José estendia, menino chorava do frio que tinha...
Cala meu menino, cala meu senhor, do frio que corta... Sem dor
Eu olhei para o céu para a santa cruz... do meu bom Jesus...Eu deitei nela
e pus a imaginar para ver se saia para Deus me salvar,
O anjo da guarda me mandou recado, que eu fosse rezando bendito sejaaa.
Deus me dá uma boa chuva para sempre amém
Nos livre do castigo, para sempre Amém. (informação verbal)³⁵

FIGURA 9.DNª MESSIAS.



Fonte: Fotografia feita por Marli de Melo

³⁵ Entrevista concedida por MDCM, 63 anos, à autora, em 2018

De acordo com Bessa et.al. (2017, p. 4) as sementes eram vistas para muitos povos como algo sagrado, um presente dos deuses, uma propriedade dos povos, nações e a toda humanidade. Um bem comum, patrimônio da humanidade, direito inalienável e marca da vida. A ligação e o convívio com as sementes e com a terra demonstram a maneira e também o modo de vida e de religiosidade que é própria da vida na roça. O agricultor ao cultivar as sementes crioulas, alimentava também a cultura e a soberania popular.

Ribeiro, et. al. (2012) também nos esclarece sobre a relação entre a religiosidade dos povos e as sementes crioulas:

Na agricultura camponesa tradicional, espaço onde os camponeses vivem e trabalham destaca-se a existência de uma coletividade rural que se apresenta em uma dupla natureza funcional. Primeiro esta agricultura valoriza o meio natural: os camponeses utilizam o território para a produção de alimentos visando o autoconsumo; e por outro lado, é também um espaço onde vivem, com suas crenças, tradições, constituindo modos de vida. As estratégias de reprodução passam por conhecimentos desde a lida com a terra até a comercialização dos produtos excedentes. Os camponeses sabem em qual lua é melhor cultura ou a cortar alguma madeira, sabem também os dias que são resguardados aos santos de devoção. Formam-se sujeitos capazes de se definir pela forma de trabalho, religiosidade e cultura, em que de um lado resiste e articula com o sistema econômico e, de outro, é produto do próprio capitalismo que necessita da sua produção. (RIBEIRO, et. al.2012, p. 4)

Esta parte das narrativas foi muito bonita e sensibilizante. Enquanto entrevistadora percebi que todos os preparativos que eram realizados eram articulados independentes dos atores – homens, mulheres ou crianças, havia todo um cuidado com a montagem das fogueiras seus adornos, os alimentos era tudo ritualizado. A fé era forte na cura dos bichos, nas bênçãos. E ao mesmo tempo em que isto saltava aos olhos dos entrevistados quando expunham suas recordações, via-se também o receio de se estar sendo mal interpretado, ridicularizado por esta fé.

4.2 ENTREVISTADOS NA FAIXA ETÁRIA ENTRE 40 A 42 ANOS

Já em relação à análise realizada com a faixa etária que representa a terceira geração, ou seja, os filhos e/ou os netos dos anciões entrevistados percebeu-se um desejo de manter as tradições, mas também um sentimento de impotência e, em alguns casos, até mesmo de revolta pelas dificuldades encontradas oriundas dos mais diversos fatores: mudanças na agricultura, mudanças na sociedade, nas relações familiares e sociais.

Em relação à forma de agricultura feita pelos pais e também o cuidado com as sementes presenciadas pelos filhos, fica claro nas narrativas que existe, ainda que latente, a vontade de manter a tradição em alguns dos casos.

As respostas sobre como era inicialmente na comunidade em se tratando das sementes, aqui se fez literalmente, nas narrativas, uma volta ao passado. Isso fica visível nesses entrevistados que inclusive se emocionam durante a entrevista.

Minha principal fonte de renda é compra e venda de bezerro... já mãe não, ela faz roça. Ela planta milho, abóbora, inhame, mandioca, cria porco, galinha, porque ela nasceu e foi criada em fazenda, ela jamais, vai abandonar isso, eu acho que é o que ela sabe fazer, é o que ela faz com perfeição, ela jamais vai abandonar isso, ela gosta. Eu acho que antes eu sempre tive mais dificuldade do que facilidade... eu não me recordo de nenhum tempo bom, eu tinha mais dificuldade do que facilidade. (informação verbal)³⁶

A fala de Isaias, 40 anos, (figura 11) vai de encontro ao que é tratado por Bessa et. al. (2017, p. 6) que fala do resgate das variedades crioulas e do seu crescimento na agricultura e como se faz necessário pensar em “medidas construídas e ir para um diagnóstico dos problemas que provoca o abandono das variedades crioulas. ” Os autores afirmam que um dos motivos desse abandono está “nas poucas atividades: os agricultores estão produzindo aves, fumo, soja, leite. ” (p. 6)

³⁶Entrevista concedida por Isaias Almeida Bernardes, 40 anos, à autora, em 2018

FIGURA 10. ISAIAS ALMEIDA BERNARDES



Legenda: Isaias, da direita para esquerda.

Fonte: Fotografia feita pela autora

Eu não me lembro, eu lembro como ele fazia para armazenar arroz, ele não colocava no saco, ele fazia um lugar para armazenar chamado “TUIA”, feito de taboca, como se fosse uma arapuca, empaiolava ela com palha de arroz, e ali estocava o arroz, colocava o arroz ali dentro, ele ficava solto ali, não me lembro de como ele estocava sementes, eu me lembro da colheita.(informação verbal)³⁷

As sementes de arroz e milho eram guardadas em paiol. Os amendoins eram guardados em saco. Hoje a gente guarda em garrafa peti. Antes a gente trocava, para não comprar a gente fazia troca. Mas era... mais pura, sem química, sem agrotóxico, antes não tinha nada disso, hoje está tudo, assim. A semente que a gente tem aqui é melhor, porque a gente conhece a qualidade da semente, eu acho que a que a gente compra não tem essa qualidade. (informação verbal)³⁸

³⁷ Entrevista concedida por ACS, 42 anos, à autora, em 2018

³⁸ Entrevista concedida por MGM, 40 anos, à autora, em 2018

As transformações observadas por esta faixa etária de entrevistados sobre não só no cotidiano social e nas relações, mas também sobre o impacto em suas vidas com o desaparecimento das sementes crioulas e como isso afetou a agricultura familiar é muito consciente. Os entrevistados inclusive deixam transparecer claramente uma certa dualidade entre o que eles acham que fere a tradição que vivenciaram com os pais e avós e o que acham que lhes propiciou uma melhora de vida como, por exemplo, melhoria no transporte, acesso a alguns bens de consumo.

Paralelamente o desaparecimento das variedades das sementes crioulas, a dificuldade de se conseguir novas variedades, o afastamento familiar e fraterno dentro da comunidade, o cada um por si cada vez mais forte, e principalmente a mudança na alimentação que deixa de ser mais rica e forte nutricionalmente para ficar cada vez mais restrita ao supermercado.

Hoje a gente não vê mais, milho asteca³⁹ que também a gente não vê mais. Hoje só milho transgênico.... Aquele milho comum não vê mais. Mandioca: rio verde, casteliana, onça, pão da China, vassourinha, rola pau, hoje a gente, não vê mais esses tipos de mandiocas[...]. As pessoas voltaram um interesse de plantar novamente, mas com qualidade, variedade, a gente vai deixando de comprar. A mandioca que a Embrapa desenvolveu, eles é uma mandioca que não dura muito... essas mandiocas que eu falei elas ficavam plantadas cinco anos, e durava lá sem apodrecer, essas mandioca melhoradas elas ficam lá dois anos e já começam apodrecer, a gente precisa fazer farinha, ou consumir rápido, porque ela não dura, as outras ficavam lá na terra muito tempo, raiz com dois metros, antes a gente tinha, banana, cana, mandioca com abundância, a gente não conseguia consumir tudo, hoje ninguém produz mais banana e nem cana [...] então, isso, me deixa uma saudade ruim. Isso eu não gosto, as pessoas falam eu gosto daquele período, tal, eu vou dizer a verdade, não gosto. Hoje eu acho, tenho carro, moto, é simples, mas eu não gosto, quando eu lembro daquele tempo é sofrer duas vezes, é o sofrimento real, e do pensamento, então, eu não gosto daquele tempo, a gente tinha umas coisas boas que era brincar, mas eu prefiro hoje, se fosse para trocar, eu não trocaria, hoje pelo aquele período antigo. (informação verbal)⁴⁰

Isso vai impactar nas futuras gerações, eu acho, por exemplo, eu sei o que é socar arroz, hoje se o arroz acabar, e eu for em Alto Paraíso e tiver acabado o arroz, e eu tiver de casca, eu vou lá no pilão, soco o arroz, cato o

³⁹Qualidade de milho de grãos vermelhos.

⁴⁰ Entrevista concedida por IAB, 40 anos, à autora, em 2018

arroz, e essa geração nova, não conhece isso, se acabar o arroz no mercado, eu acho que eles passam sem comer arroz, não sabem o que é pilar arroz. (informação verbal)⁴¹

“Os bichos que sumiu, eu acho que é a ação do homem, de 25 anos para cá, teve uma mudança drástica, muito desmatamento. Hoje, 90% dos moradores eles trabalham com pecuária, você pode ver que lavoura diminuiu muito, a gente tinha que plantar para sobreviver, e hoje você vê que arroz, feijão, milho... você vê que a maioria dos fazendeiros aí para baixo é pecuária, só pecuária, hoje as pessoas que moram de Alto Paraíso para cá falam eu planto, mas ele planta só milho, por exemplo, arroz, ninguém planta arroz mais na região, alguém que falar ah! eu planto arroz, eu desconheço hoje só os grandes produtores. (informação verbal)⁴²

As mudanças nas relações familiares e sociais também foram percebidas por esta faixa etária de entrevistados sentem falta das relações mais intimistas que vivenciaram com pais e avós. É interessante porque esta saudade também é sentida pelos anciões, mas não existe nenhum movimento desta faixa etária para que se volte ao relacionamento antigo existente, e sim uma acomodação, como se fosse algo inevitável, devido às mudanças que ocorrem na sociedade de forma geral.

Pai contava várias histórias, mula sem cabeça, ele contava várias, ele contava muitas, inclusive a da besta, que era a mula, ele falava dessa mula, arriada, com várias tralhas, era para fazer medo na verdade. Ele contava de onça, a de onça era para fazer medo, mas era real, a gente sabia que era verdade.[...] aqui no Sertão tinham uma boa convivência, eu lembro que na época de plantar todo mundo vinha atrás de pai, para pegar semente de milho, eu lembro bastante, pai separava o milho descascava o milho, ele tirava a ponta, o final do milho e planta só as semente do meio, era a semente boa para plantar, eu lembro bastante, todos os moradores vinham atrás porque, eles ajudavam pai a selecionar o milho, isso durava o dia inteiro, eu lembro muito, a você tem semente de feijão carioca, você tem semente de feijão preto, você tem semente de feijão fogo na serra, ele era um feijão babento quando cozinhava, aqueles grãos grandes, gotoso, eu lembro dessa troca de semente, aquilo era bacana, e a gente quando ia visitar um vizinho era um evento, né? Era um dia, isso era bacana, hoje não tem mais isso. Eu vi que de uns três anos para cá as pessoas começaram com esse interesse, por semente crioula, isso é um resgate, a gente está vendo que começou. (informação verbal)⁴³ (IAB – 40 anos, 2018)

⁴¹ Entrevista concedida por ACS, 42 anos, à autora, em 2018

⁴² Entrevista concedida por IAB, 40 anos, à autora, em 2018

⁴³ Entrevista concedida por IAB, 40 anos, à autora, em 2018

Meu pai colhia, aí ia ao vizinho dele, esse ano nós vamos trocar semente, pega da minha lá, havia essa troca, eles iam fazendo isso aí mantendo a amizade. Minha avô matava vaca e botava o couro para secar, aí a gente pegava esse couro botava no tempo, lá fora, aí a gente deitava e ficava olhando as estrelas, era bom demais, a gente botava comida no prato e ia comer lá no terreiro lá fora, sentado no couro, ali, as vacadas apartadas berrando, a gente ia tomar leite no curral, vô falava, vocês tem que tomar leite com mastruz para matar verme, vô tirava leite e botava mastruz, ai a gente bebia, era bom demmmmmaaaaiissss...era um cuidado com a gente, ela botava a comidinha no prato da gente, meu filho, tá aqui meu filho... Você trocava algum dia de serviço, mais cada um trabalhava em sua roça, a gente reunia o pessoal para dentro do galpão, aí a gente ia contar caso, sorrir, o tempo passava, a gente não consegue ver isso mais, porque, a gente tá trabalhando em serviço muito pesado, se a gente arranjar um serviço que dá para ganhar mais ou menos, claro que é bom, não é que eu quero dizer que tenho saudades do sofrimento, não sei se você está me entendendo, eu disse assim que achava bonito a convivência, a união, entendeu...nééé? (informação verbal)⁴⁴

FIGURA 11. ADENOEL, DE CHAPÉU.



Fonte: Fotografia feita pela autora

⁴⁴Entrevista concedida por ACS, 42 anos, à autora, em 2018

Antigamente parece que tinha mais tempo, hoje a vida é corrida, ninguém tem mais tempo de visitar as pessoas, isso mudou muito, porque a gente sente falta de conversar, principalmente as pessoas mais idosas, a gente ainda sai muito... e eles ficam muito quieto, tem mais necessidade de conversar. Eu acho que é porque cada um vai cuidar de suas coisas, antes não era assim, era todo mundo ajudando todo mundo, o pai cuidava dos filhos, e os filhos cuidavam dos pais ali todos juntos. Hoje cada um tem sua vida própria. Cada um tem que procurar, olha o exemplo meu aqui, na minha época os irmãos nunca tinha saído, agora meu filho já tem quatro anos que está fora, procurando se virar sozinho, acho que isso muda né, cada um... a gente não consegue mais, manter como era antes, a gente passava um pouco de necessidade, não necessidade, mas a falta de alguma coisa, a gente passava, agora hoje... naquela época a obediência de ajudar os pais, na época que era mais difícil de arranjar emprego, a gente tinha um compromisso de ajudar pai e a mãe, a gente nem tinha tanto benefício, porque não tinha como sair para trabalhar fora, porque não tinha aquele recurso, eu acho que é isso. (informação verbal)⁴⁵

O contato familiar, as rodas de conversa ao fim de tarde, os folguedos nas festas e fogueiras em homenagens aos Santos, as rezas, a contação de causos, fizeram parte da infância destes moradores que hoje tem seus quarenta e poucos anos, o não conseguir manter esta tradição que iluminou sua infância e adolescência externa-se em suas narrativas.

A religiosidade também está presente em algumas lembranças:

Ele (pai) colocava em volta da fogueira, arroz, milho, ele separava, milho para plantar... ele tinha uma oração que fazia em volta da fogueira com a semente... pedindo aquela colheita abundante. Ele botava a semente na cuia, fazendo oração em volta da fogueira... eu gostava de ver ele fazer, isso, ele dizia que era para Deus abençoar, para ter fartura... Era pai e mãe quem fazia... em cada cuia, tinha um tipo de semente, nossa eu gostava!!!! Tem muita coisa que a gente não lembra, tem muito tempo... vai perdendo isso, a gente vai perdendo, vai esquecendo... a gente não tem mais aquela constância de fazer... eu falo com Pretinho com os meninos, ele não brinca com os meninos, desde pequeno, ele não brinca com os meninos, meu pai brincava com meus irmãos... aquela brincadeira, mesmo de lutar, entre pai e filho... eu acho, fala que não tem tempo... eu acho que tem que fazer o tempo, aquilo era bom para a gente... a gente lembra, fica guardado na memória. Com a tecnologia ninguém tem mais tempo, fala tudo por mensagem... ninguém, conversa mais, às vezes está aí próximo e está mandando mensagem, parece que não tem conversa, não tem diálogo mais para conversar... acho que tudo isso vai distanciando, às vezes a gente está tão próximo ali, e podia conversar, cada um ali no seu celular, não tem mais

⁴⁵ Entrevista concedida por MGM, 40 anos, à autora, em 2018

o hábito de conversar, muita má vivência da família, cada um no seu mundo, às vezes a gente reclama e não vê o que está passando dentro de nossa própria casa, aqui em casa mesmo depois de agora, às vezes cada um para ali, Pretinho fica no celular, e a gente não conversa, aí depois, reclama das coisas, não temos o que reclamar, às vezes a pessoa está ali no celular, nem houve o que a gente está falando... aí eu falo quando você terminar aí a gente conversa, a gente está repetindo, e não está nem ouvindo o que a gente está falando. Lá em mãe mesmo, às vezes eu fico enrolada aqui, porque a gente não sai, aí eu fico... lá tem meus irmãos, eles são muito unidos para conversar, às vezes eles não interagem ela, mãe, no mundo deles, aí às vezes ela fica no canto... às vezes ela quer participar, mas às vezes eles não dão muito espaço para ela, aí quando eu vou lá ela tem tanta coisa para conversar.(informação verbal)⁴⁶

Ao término da análise das narrativas deste grupo etário especificamente não poderia deixar de mencionar que por fazer parte da comunidade do Sertão todo o processo realizado desde a escolha do tema, mas principalmente durante as entrevistas, gravação e organização das falas para análise me senti emocionada e, não pude deixar de me preocupar se tal emoção não atrapalharia meu discernimento durante as análises e o diálogo com os autores. No entanto, segundo Muylaert et. al. (2014, p. 194) as narrativas enquanto um importante recurso nas pesquisas qualitativas “pode suscitar nos ouvintes diversos estados emocionais” tendo inclusive a característica de “sensibilizar e fazer o ouvinte assimilar as experiências de acordo com as suas próprias, evitando explicações e abrindo-se para diferentes possibilidades de interpretação. ” A interpretação aqui, conforme os autores bem explicam, não é na análise de fora, como observador neutro no sentido lógico, “mas interpretação que envolve a experiência do pesquisador e do pesquisado no momento da entrevista e as experiências anteriores de ambos, transcendendo-se assim o papel tradicional destinado a cada um deles. ”

⁴⁶Entrevista concedida por MGM, 40 anos, à autora, em 2018

4.3 ENTREVISTADOS NA FAIXA ETÁRIA ENTRE 15 A 25 ANOS

Nas narrativas dos jovens, no caso os netos e/ou bisnetos - entrevistados de 15, 20 e 23 anos, ficou claro um desconhecimento ainda que parcial sobre as sementes e a forma de manejo e cuidado, e também certo desinteresse pelo assunto durante a entrevista.

Observou-se que as respostas às perguntas norteadoras se pautavam principalmente no que eles haviam visto os seus pais realizarem, ou seja, um aprendizado ainda muito raso e sem vivência própria, apenas reminiscências do que foi observado na infância.

Já especificamente o jovem JFL de 20 anos demonstra não apenas falta de conhecimento no assunto, como também total desinteresse, como pode ser analisado na sua fala introdutória onde ele afirma já ter ajudado sua mãe a plantar, contudo desconhece as variedades de sementes e como pode ser atestado na análise de suas respostas à entrevista, quando JF responde simplesmente: “Assim, sei lá...”(JFL– 20 anos, 2018)

FIGURA 12. JUNINHO.



Fonte: Fotografia feita pela autora

Ao serem indagados de como as sementes eram inicialmente tratadas na comunidade, se eles se recordam dos pais cultivando a terra e depois da colheita separando as sementes para um próximo cultivo e se participavam deste processo, tivemos respostas vagas.

Para MCV de 20 anos e GMSde 15 anos as lembranças estavam mais ligadas às mães:

Geralmente quando mamãe recolhia a semente de abóbora, a gente colocava no telhado para secar, local exposto ao sol para que a semente seque, de jiló da mesma forma, de quiabo também, conforme a semente estava no ponto certo de plantar. De onde vocês trouxeram essas sementes (pergunta), da casa de minha avó, minha avó tem uma propriedade bem aqui perto, ela tem muda de mandioca, abóbora. .(informação verbal)⁴⁷

Mãe deixa as sementes madurar, colhe e guarda. A semente faz bem, várias tem vitaminas. Eu vi vovô colhendo amendoim para fazer paçoca, fazer doce de leite, mãe manda nós guardar as sementes, a lua tem várias significações, eu plantei quando a lua tava cheia, quando é crescente, cresce, quando é minguante, míngua, eu acho que mamãe planta na cheia e na crescente. O bom é cuidar, néeee? [...] Mãe pega o adubo, fofa, curte, aí vem põe mais negócios, aí vem à tarde e molha. .(informação verbal)⁴⁸

Já RLM de 23 tem lembranças mais ligadas ao pai:

Meu pai armazenava, e colocava dentro dos litros, quando era para plantar no outro ano, colocava dentro dos litros. [...] colocava folha de fumo no feijão, para conservar, era contra caruncho... colocava as folhas de fumo em baixo e o feijão em cima. Eu me lembro do croá só do preto [...] .(informação verbal)⁴⁹

Questionados sobre as mudanças no trato com as sementes, seu desaparecimento e suas percepções sobre um possível impacto deste

⁴⁷ Entrevista concedida por MCV, 20 anos, à autora, em 2018

⁴⁸ Entrevista concedida por GMS, 15 anos, à autora, em 2018

⁴⁹Entrevista concedida por RLM , 23 anos, à autora, em 2018

desaparecimento nas suas vidas, de familiares e da própria comunidade os jovens responderam que:

Atualmente a gente ainda tem mudas, tem sementes, aqui nós estamos querendo ampliar uma área, maior para plantar mandioca, feijão, mandioca, abóbora, jiló, quiabo, abóbora, a gente quer plantar uma área grande para que, para a gente consumir, de forma natural. .(informação verbal)⁵⁰

Antes quando ele (pai) morava aqui, ele vendia para a escola, ele vendia coisas de hortaliça, a mandioca eu não sei se ele vendia. Tudo que ele tinha lá ele vendia, era banana, ele tirava os cachos. .(informação verbal)⁵¹

A fala acima de GMS-15 anos que relembra o comércio e a venda de produtos produzidos pelo seu pai para escola da comunidade. Também ilustra o que nos fala Bessa et.al. (2017) quando tratam os motivos que levam ao desaparecimento cada vez maior das sementes crioulas, sendo um desses motivos a redução do tamanho das famílias moradoras no Campo o que leva na zona rural a falta mão-de-obra. É porque é tão importante que elas sejam instruídas a pensar em formas de se organizar melhor para vender seus produtos que sobram para o PAA, PNAE e feiras. “Assim o agricultor aumenta sua renda familiar e permanece no campo, economiza no aluguel, na alimentação, aumenta sua autoestima e planta sua roça com sementes sem veneno e sem gasto. ” (BESSA et. al., 2017, p. 6).

É importante aqui observar que apesar do aparente desinteresse e desconhecimento dos entrevistados mais jovens, as suas respostas sobre as mudanças que ocorreram ao longo dos anos e também sobre os impactos sobre o desaparecimento das sementes crioulas na vida das pessoas não só da comunidade foram muito interessante e merecem sem dúvida uma ressalva.

⁵⁰ Entrevista concedida por MCV, 20 anos, à autora, em 2018

⁵¹ Entrevista concedida por GMS, 15 anos, à autora, em 2018

Antigamente qualquer lugar que você ia, encontrava, pé de mandioca, abóbora, muita variedade de jiló, quiabo, abóbora de tudo, hoje a gente não encontra mais. A gente ainda tem aqui no quintal alguns pés de mandioca, está cada vez mais extinto as sementes porque o povo está cada vez mais parando de plantar, para comprar, parando de guardar a semente. (informação verbal)⁵²

Mãe falava muito de vô, assim, ela falava que vô guardava as sementes, assim, isso aí, ele guardava nos armários, colocava nos armários.... Eu acho que é importante, a gente não guarda, guardando, chega a hora de plantar, assim a gente tem, sai procurando, a gente já tem. As sementes que a gente compra não são muito boas não, são variáveis, assim, são boas não... tem muito produto, muito veneno. (informação verbal)⁵³

FIGURA 13. MARIA CARLA.



Legenda: Maria Carla, da direita para esquerda

Fonte: Fotografia feita pela autora

[...] parando de plantar nos afeta. É, de certa forma facilita para nosso consumo, mas isso afeta a nossa saúde porque, é muito agrotóxico, e isso prejudica nossa saúde, é importante que a gente plante, para que a gente possa consumir alimento saudável[...] eu já até conversei com meu esposo, a gente quer separar uma área, aqui no quintal, a gente quer multiplicar essas sementes, a gente quer plantar de forma correta, com o auxílio de alguém capacitado. A gente quer plantar, jiló, quiabo, mandioca, batata, tomate, a gente quer plantar, para a gente ter uma variedade de comida na nossa mesa, para a gente ter mais uma alimentação saudável. (informação verbal)⁵⁴

⁵²Entrevista concedida por MCV, 20 anos, à autora, em 2018

⁵³ Entrevista concedida por JFL, 20 anos, à autora, em 2018

⁵⁴ Entrevista concedida por MCV, 20 anos, à autora, em 2018

É perceptível que os jovens sabem da importância da semente e desejam mantê-la e tentar preservar nas famílias esta variedade de sementes, no entanto o que se percebe é o não saber como realizar isto de forma real.

Caporal (2009, p. 225) quando fala sobre a transição agroecologia em seus estudos afirma que na prática cotidiana podemos encontrar situações muito diferenciadas, inclusive em relação a especificidades étnicas, sociais, de gênero, de raça, econômicas, etc., presentes em certa realidade. Na narrativa de MARIA CARLA de 20 anos percebe-se que a jovem sente falta de apoio. A agroecologia é um meio para levar este apoio a pequenas agricultoras, pois auxilia a “relativizar certos caminhos e adotar rumos mais apropriados para esta situação real, sem perder de vista que o caminho deve levar à construção de agriculturas sustentáveis.” (CAPORAL, 2009, p. 225) “Se a semente acabar nós morre, fica triste, porque não vai ter mais as plantas, né? (GMS – 15 anos, 2018)

É interessante salientar que a entrevistada Maria Carla de 20 anos e o jovem RLM de 23 anos participaram por um período de projetos realizados pelo Centro UnB Cerrado, com enfoque em agroecologia e sustentabilidade e, portanto, estudaram sobre a importância de se valorizar as sementes crioulas, esse conhecimento adquirido por meio da universidade, ainda que de forma informal para eles, fica evidente nas suas narrativas.

Sendo assim, corrobora-se com a fala de Serrano (2013) que trata da importância das inserções da universidade, por meio da extensão, nas pequenas comunidades como forma de agregar e ressignificar o conhecimento tanto de professores e alunos quanto dos próprios moradores sempre levando em consideração os saberes locais, a teoria e a prática.

A ideia de uma extensão a serviço de um processo transformador, emancipatório e democrático; e ainda, de uma extensão desenvolvida no diálogo e no respeito à cultura local nos permite perceber quanto o pensamento freiriano foi marcante e está presente no conceito da Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. (SERRANO, 2013, p.13)

Belaviqua et. al. (2009, p. 3) em seus estudos também trata da importância de tomarem medidas oficiais como, por exemplo, a criação de “incentivos à manutenção *in situ* da biodiversidade, com um sistema de recompensa àqueles que atendam os requisitos que caracterizam um guardião de sementes.” É fácil quando você não faz parte da realidade de determinada comunidade achar que o desaparecimento das sementes crioulas ocorre pura e simplesmente por um descaso das gerações mais novas, mas na realidade a imposição da sociedade para que o jovem saia do campo devido a falta de escolas e de trabalho é o maior fator do êxodo é preciso que a legislação atual propicie também aos agricultores que plantam com sementes crioulas o acesso e o benefício das políticas de crédito e seguro agrícola.

As relações familiares e sociais embora percebidas pelos entrevistados nesta faixa etária não são superestimadas, já a religiosidade articulada à agricultura não esteve presente em nenhuma das narrativas.

Quando ela (a mãe) fala, ensina é bom, cada vez mais eu guardo, o pai, a mesma coisa. [...]. Tudo que minha mãe fala fica guardado na mente. Eu trouxe semente de melancia e quiabo lá de vovô Manoel, vovô falou leva lá para vocês, plantar para vocês. Quando a gente crescer passar para os filhos. [...]. Queria falar (para o sobrinho que tem menos de 5 anos) da natureza para ele, o que eu aprendi, com minha mãe, meu pai, meu avô, o que eles me ensinaram, para ele aprender e passar para o filho dele.(informação verbal)⁵⁵

Ao fim da análise das narrativas pode-se considerar a importância da agroecologia para a agricultura familiar. Sem dúvida e Agroecologia perpassa por todos os vieses narrados pelos entrevistados, isto fica claro quando Caporal (2009, p. 227) aproxima a teoria e os conceitos agroecológicos da operacionalização na prática:

⁵⁵ Entrevista concedida por GSM, 15 anos, à autora, em 2018

Pode-se dizer que algumas premissas devem ser observadas quando se trabalha a partir do enfoque agroecológico, por exemplo:

- Atender requisitos sociais: preservando e qualificando as relações entre sujeitos e buscado melhores condições de vida e de bem-estar requeridos num dado contexto;
- Considerar aspectos culturais: resgatando e respeitando saberes, conhecimentos e valores dos diferentes grupos sociais, que serão analisados, compreendidos e utilizados como ponto de partida para o desenvolvimento local;
- Cuidar do meio ambiente: preservando os recursos naturais ao longo do tempo, com a manutenção ou ampliação da biodiversidade, melhorando a reciclagem de materiais e energia dentro dos agroecossistemas;
- Apoiar o fortalecimento de formas associativas e de ação coletiva: promovendo a participação efetiva, possibilitando o maior empoderamento dos atores sociais, estimulando a autogestão;
- Contribuir para a obtenção de resultados econômicos: observando o ponto de equilíbrio entre produção e preservação da base de recursos naturais;
- Atender requisitos éticos: compromisso com uma sociedade mais justa, pautada por relações igualitárias e fraternas. Observando que a busca de sustentabilidade implica numa necessária solidariedade entre as gerações atuais e destas com as futuras gerações. (CAPORAL, 2009, p.227)

É importante que os filhos dos agricultores tenham maior acesso a estudos como os propiciados pela agroecologia, que pode e muito auxiliar as suas práticas de cultivo e mostrar que a agricultura familiar é muito importante para a sociedade.

Ao fim da análise das falas durante as narrativas foi observado um outro ponto muito interessante e importante que é a percepção dos moradores quanto ao desaparecimento das sementes, na análise realizada sobre este ponto foi preciso o estudo de Perafán e Walter que dizem:

A percepção sobre as próprias condições é relativa, e diz respeito à avaliação subjetiva do grupo social de referência. Em geral as pessoas se comparam a outras do grupo social do qual fazem parte. Segundo isto, há associação da percepção com diferenças nas expectativas sobre suas condições tendo como base seu próprio contexto. (PERAFÁN E WALTER, 2016, p. 89)

Sem dúvida a relatividade das percepções foi corroborada por mim, pois, durante as entrevistas me foi permitido visitar a maioria dos quintais, e também tirar fotos dos mesmos como pode ser visto.

FIGURA 14. SEMENTES DE AMENDOIM.



Legenda: Sementescedidas por Graziele

Fonte: Fotografia feita pela autora

FIGURA 15. QUINTAL DE GRAZIELE.



Fonte: Fotografia feita pela autora

Nas fotos é possível ver a existência de uma riqueza de plantios e também de sementes armazenadas em vários locais, estes dados podem ser vistos com maiores detalhes tabela das sementes encontradas em cada quintal dos entrevistados, contudo para os entrevistados as sementes diminuíram muito não apenas em quantidade, mas em diversidade (Tabela 2). Observou-se também em alguns locais a preparação de roças antigas de toco sendo aradas com as máquinas da prefeitura e, as sementes de milho que seriam plantadas são compradas nas agropecuárias, não existindo sementes de milho crioula.

Tendo em vista o que foi visto nos quintais e nas pequenas roças e mesmo a fala de alguns dos entrevistados construiu-se as tabelas que podem ser vistas abaixo catalogando as variedades de sementes crioulas que ainda são encontradas na comunidade e, também aquelas que já não existem mais.

TABELA 1 - SEMENTES EXISTENTES, DOS MORADORES ENTREVISTADOS DO SERTÃO

BTS	Inhame Lebanca - Cará Do Ar - Mandioca Pão – Abobora – Jiló – Quiabo – Açafrão – Araruta – Chuchu – Laranja – Acerola – Jabuticaba - Mamão - Cana Caiana – Abacate Manteiga – Uva – Manga – Maxixi – Jaca – Yatra - Gergelim Preto - Pimenta Malagueta - Jambo Roxo – Gengibre
JTS	Mandioca – Acerola – Fedegoso
EM	Banana prata – Quiabo – Abobora cabocla – Jiló - Tomate Cereja – Mandioca rio Verde
JBF	Banana prata - Jiló – Mandioca rio Verde – Cana Caiana-Melancia Jiboia-abobora Jacaré.
AC	Banana Maça - Banana Marmelo - Banana Prata – Quiabo – Abobora – Mandioca
MGM	Cebolinha Verde - Cara – Inhame-coentro – Couve Manteiga.
Sr. EM	Fava Vermelha – Mandioca – Mamão – Acerola - Feijão De Corda Ou Catador
IB	Inhame Lebanca - Cará Do Ar - Mandioca Pão – Abobora – Jiló – Quiabo – Açafrão – Araruta – Chuchu – Laranja – Acerola – Jabuticaba- Mamão - Cana Caiana – Abacate – Uva – Manga – Maxixi – Jaca – Yatra - Gergelim Preto - Pimenta Malagueta - Jambo Roxo – Gengibre
GMS	Banana Prata – Mandioca – Açafrão – Amendoim - Gergelim/Abacaxi - Jiló/Alface - Berinjela/Cenoura – Mamão – Quiabo – Maxixi - Pimenta Malagueta – Abobora – Maracujá - Mostarda/ Coentro
MDCM	Banana Marmelo - Mandioca Rio Verde – Jiló – Araruta – Quiabo – Açafrão – Café – Laranja – Mexerica – Taioba
GPS	Mandioca – Mexerica - Batata Doce vermelha – Laranja comum
VLG	Mandioca – Cana – Abacaxi – Banana Maça - Caju
RLM	Banana Prata – Mandioca – Açafrão – Manga - Croá Amarelo – Abobora
BAT	Fava Branca – Mandioca - Banana Marmelo
BFS	Banana Prata - Banana Maça - Banana Boca Virada - Banana Nanica - Banana Maça – Mandioca

TABELA 2 - QUALIDADES DE SEMENTES QUE NÃO EXISTEM MAIS, DOS MORADORES ENTREVISTADOS DO SERTÃO							
MILHO	FEIJÃO	ARROZ	BATATA	INHAME	FAVA	CROÁ	MANDIOCA
Branco	Mulatinho	Buapo		Pé de anta	Roxa	Preto	Rola pau
Caiana	Feijão mamona	Preto	Roxa	Mangarito	Branca	Amarelo	Pão da china
Cunha	Roxinho/roxão	Agulhinha	Branca	Birro	Roxinha		Onça
Americano	Carioquinha	Bico ganga	Amarela				Pé de burro
Três meses	Amarelo	Mindinho	Coração de boi				Pixuri
Asteca	Fogo na serra	Beira campo					Rio verde
	Feijão Catador	Cabo de ovelha					Roxa
	Feijão de Corda	Amarelão ou pratinha, pratão, barranqueiro					Cacau
	Pardinho						Cascudinha
	Rosinha						Pim Branco
	Preto						Sutinga
	Engope						Mata
	Caboclo						Formiga
	Rim De Porco						Vassourinha
	Feijão das Grávidas						Casteliana
CARA DO AR	GUANDU	GERGELIM	BANANA	CANA	MILHO DE PIPOCA		
Cara do ar	Guandu	Amarelo	Nanicão Ourinho	Caiana	Dente de alho		

A partir da análise das sementes catalogadas foi possível ver a variedade ainda existente de sementes crioulas na comunidade, no entanto não podemos ignorar que muitas espécies de sementes não são mais encontradas nas famílias. A diferença nas percepções dos moradores demonstra que para os idosos a abundância só era existente no tempo antigo sendo superior ao que encontramos agora a ponto das sementes de hoje não serem enxergadas da mesma forma.

“Que tipos de sementes havia aqui no sertão?” (Pergunta da pesquisadora)

Resposta do entrevistado:

Arroz preto, banana maça, mandioca rio verde, feijão roxinho, as pessoas plantavam e comiam **hoje acabou** o pessoal da Fazenda Bom Sucesso, ainda tem. [...], mas aqui no Sertão não encontra mais não, **Inhame** aqui já teve, eu já comi demais. Minha vó Maria tinha. Eu não consigo mais a semente, se eu conseguir a semente eu vou plantar, **jiló** eu tenho **aqui no quintal, uns pés cheios de frutos, é a terceira carga dele esse ano. Eu tenho pés de banana no meu quintal, maça, marmelo, as mudas vieram lá de tio Dito.** (informação verbal)⁵⁶

[...]no Sertão desde 72, para falar a verdade o Sertão hoje não tem plantio mais, ninguém, aqui para nos não adianta plantar, porque se você planta, a terra é fraca, tem que botar adubo, aí fica caro, se plantar o acesso de saída é ruim, antigamente tinha que plantar para comer, você plantava, o arroz, a mandioca, o milho, verdura, tudo aqui, se você quisesse antigamente agente plantava, agora hoje, fica cara demais a mão de obra. ” (informação verbal)⁵⁷

Outro exemplo, ao perguntar a um dos entrevistados como que eles lidavam com as sementes antes e agora, tem-se na resposta a percepção de que hoje as sementes já não existem mais, no entanto a mesma entrevistada possui um quintal

⁵⁶Entrevista concedida por ACS, 42 anos, à autora, em 2018. Grifo nosso mostrando que apesar de dizer que as sementes acabaram ainda existem muitas variedades em seu próprio quintal.

⁵⁷ Entrevista concedida por EM, 68 anos, à autora, em 2018.

riquíssimo e ao término da narrativa doou para a entrevistadora sementes de fava branca.

FIGURA 16. SEMENTES DE FAVA BRANCA



Legenda: Cedidas por Dn^a. Bernardina.

Fonte: Fotografia feita pela autora

[...] olha minha filha agente agora não lida não porque não tem mais, mas antes Dercino cuidava [...] (BAT – 65 anos) portanto, fica claro que apesar das sementes estarem restritas aos quintais estas ainda são encontradas, sendo necessário agora ações que possibilitem sua multiplicação e também a busca pelo resgate de sementes crioulas que já não são encontradas como o milho, por exemplo, já que nas roças atuais não existe mais o plantio de sementes crioulas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as entrevistas busquei ainda que de forma subjetiva observar e analisar as percepções dos moradores pautadas não apenas pela faixa etária, mas também nas questões de gênero, para tal foram entrevistados 8 homens e 9 mulheres. O ponto mais interessante sobre tais questões, pautadas nas perguntas feitas aos entrevistados e que na maioria das respostas dadas as sementes estavam sempre ligadas às mulheres. Os filhos, principalmente entre os entrevistados das faixas etárias de 40 a 42 anos e de 15 a 23 anos ligavam toda movimentação em torno da semente às mães, estas separavam, guardavam, etc. Já para as entrevistadas do sexo feminino da faixa etária mais idosa as sementes estavam relacionadas aos maridos, eles cuidavam, cultivavam e em alguns casos as mulheres ligaram o desaparecimento das sementes crioulas a morte do companheiro.

A análise das narrativas realizada trouxe muitas informações importantes sobre a agricultura familiar na comunidade do Sertão, principalmente nas falas dos mais velhos, para eles a questão das sementes está ligada a uma tradição, ao modo de vida que foi desaparecendo. A diferença dessa percepção vem da própria forma de viver de cada faixa etária. A realidade é que as poucas famílias que ainda se mantêm na comunidade não plantam mais como antes, mudanças ocorreram até no uso de insumos e venenos, pois muitas famílias não mantêm uma agricultura orgânica como nos tempos antigos. Os guardiões das sementes em sua maioria estão muito idosos e já não conseguem ir para a lida como antes. Toda a sabedoria no trato e no armazenamento das sementes está silenciada com eles, pois eles sentem que as novas gerações acham que eles estão ultrapassados e não valorizam sua sabedoria. Ou seja, todo o saber tradicional, toda a cultura agrícola e religiosa, está sendo silenciada devido às transformações sociais e tecnológicas.

Ao mesmo tempo, nas narrativas percebe-se a existência do saber tradicional que vem sendo silenciado pela modernidade, saber este que é vislumbrado nas narrativas quando estas pessoas saem do anonimato e seus saberes são materializados neste estudo. Os entrevistados (as) trazem ainda que timidamente nas narrativas em seus saberes, fazeres e culturas um arcabouço de

vida que não pode ser perdido, como na fala da (o) (M.D) “às vezes a gente fica até com vergonha de tá falando”, quando foi pedido para fazer o bendito de chamar chuva.

A variedade das sementes que existia antes diminuiu muito na comunidade, conforme visto na tabela de qualidades de sementes que não existem mais. Assim como variedades de espécies nativas de animais, peixes, aves e insetos, tudo isso na própria percepção dos moradores, embora durante as entrevistas tenham sido observadas grande variedade de plantios nos quintais.

Mesmo diante dessa erosão genética das variedades das sementes crioulas, no berço das famílias entrevistadas, ainda existem, sementes no seio dessas famílias de acordo tabela de sementes que ainda existem. Pois, o pulsar da vida representado pelas sementes não se separa dos seus guardiões.

Mesmo com o desaparecimento de variedades de sementes e com a existência das acima relacionadas na comunidade do Sertão, (vide tabelas), é possível resgate e a preservação conforme foram analisado durante o estudo dos apontamentos de vários teóricos que tratam deste tema.

Conforme os teóricos estudados para a construção de agriculturas sustentáveis há necessidade de criação de mecanismos oficiais, incentivos para aqueles que são guardiões das sementes crioulas. Pontua-se a importância das inserções da universidade, por meio da extensão, nas comunidades.

A realização da Feira de Sementes e Mudas em Alto Paraíso todos os anos, desde 2011, permite a troca de sementes crioulas e possibilita a revalorização das sementes que ainda existem plantadas nos quintais e nas pequenas roças do Sertão, embora na visão dos agricultores as sementes antes eram em maior quantidade do que agora.

Os entrevistados entre 40 e 42 anos e mesmo os mais jovens também têm percepções parecidas em relação ao desaparecimento das sementes mencionado no parágrafo anterior. As sementes que existiam antes caíram muito na comunidade, assim como variedades de espécies nativas de animais, peixes, aves e insetos em maior e menor grau, no entanto essa dualidade entre passado e presente é diferente nas faixas etárias mais novas. Enquanto os de 40 e 42 anos sentem falta do que vivenciaram na infância e adolescência com a família também gostam das facilidades modernas. Já os mais jovens de 15 a 23 veem tudo como história, um “causo” contado pelos pais e avós. Para eles a ligação entre as sementes crioulas e

sua história de vida tornou-se fragmentada devido as mudanças sociais em que estão inseridos, as sementes ainda fazem parte da sua vida, mas de forma diferente dos seus pais e avós.

O resgate dos saberes e fazeres das comunidades tradicionais, que são tratados por vários autores, engloba exatamente o envolvimento das gerações mais novas que apesar de não terem vivenciado as experiências dos mais velhos na prática, mas trazem em sua essência o desejo de continuidade da tradição familiar. E o interessante é que mesmo tudo parecendo algo distante, alguns deles trazem no íntimo o sentimento da necessidade de um resgate do que está se perdendo, mas também não sabem como agir.

Finalizando esta pesquisa percebi que ao romper com o uso tradicional de entrevistas baseadas em perguntas e respostas para coletar os dados necessários e optar pelo uso do método das narrativas (como fui impulsionada pelas professoras Tania Cruz, Regina Coelli e Nina Laranjeira) deparei-me com um instrumento poderosíssimo que me oportunizou dados capazes de produzir muito conhecimento científico, muito além do que eu me propus nesta pesquisa.

E, por todo meu percurso acadêmico ser comprometido com a comunidade do Sertão, percebo que os dados me permitem um aprofundamento das investigações ao combinar histórias de vida e contextos sócio-históricos, inclusive permitindo que eu mesma trouxesse à tona reminiscências da minha vida, levando-me à compreensão de novos sentidos capazes de produzir, sem dúvida alguma, transformações na minha forma de direcionar novos estudos e mesmo no meu trabalho como educadora na escola da comunidade.

Até porque, ao realizar este estudo não busquei apenas a coleta das informações, mas subjetivamente dar incentivo aos moradores mais jovens a iniciarem o processo de coleta e armazenamento de sementes crioulas visando o resgate das variedades ainda existentes na comunidade.

Além disso, a pesquisa promoveu desdobramentos mais práticos, como por exemplo, incentivar os moradores para a construção de bancos móveis e o trabalho de resgate da importância de se manter as sementes crioulas para crianças e jovens na escola, com várias atividades teóricas e práticas. Inclusive propor a formação de ações organizadas que articulem a comunidade do Sertão com outras comunidades

rurais como o Moinho e o Assentamento Sívio Rodrigues que distribuam e multipliquem estas sementes.

É importante que as crianças, filhas dos pequenos agricultores do Sertão, tomem consciência de que as sementes crioulas são fruto da seleção realizada pelas gerações que os precederam, seus avós e bisavós, agricultores que podem ser considerados mais tradicionais do que seus próprios pais, que já sofreram a intervenção da modernidade nas suas práticas agrícolas, e das novas formas de cultivo, como por exemplo, o uso de venenos como alternativa a pragas que surgem devido ao empobrecimento do solo ou à falta de biodiversidade.

Durante este estudo, no diálogo com os autores e com a vivência que possuo dentro da escola do Sertão observei que o resgate das variedades de sementes crioulas inicia-se com o processo de sensibilização principalmente entre crianças e jovens, filhos dos agricultores. Isto ficou claro na fala dos dois entrevistados que participaram dos cursos do Centro UnB Cerrado, que passaram por muitos meses por este processo de sensibilização realizado pelos professores, notou-se que eles interiorizaram a importância das sementes crioulas e do papel de suas famílias e do seu próprio como “guardiões autênticos dessa grande parte da diversidade biológica agrícola e que percebem que pode ser a chave do futuro alimentar da comunidade”.

No entanto, percebeu-se também que a ausência do apoio desmotiva também estes mesmos jovens, são muitos entraves burocráticos enfrentados ainda pelos pequenos agricultores e agricultoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRASCO, Associação Brasileira de Saúde Coletiva. **Dossiê ABRASCO – Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde.** Parte 1 - Agrotóxicos, Segurança Alimentar e Nutricional e Saúde. CARNEIRO, F. F.; [et. al.]. Rio de Janeiro: 2012

ALBERTINI, V. **Manual de história oral.** 1990. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <http://arpa.ucv.cl/articulos/manualdehistoriaoral.pdf>. Acesso em: 25 de agosto de 2018

ALTIERI A. M. **Revista Nera** – ANO 13. Nº. 16 – JANEIRO/JUNHO DE 2010 – ISSN: 1806-6755. São Paulo. 2010

ANA – ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. **Uso e conservação da biodiversidade.** (Caderno do II Encontro Nacional de Agroecologia. 72p.) Abril de 2007

ANDRÉ. M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar.** Campinas: Papius. 1995

ASSESOAR. **Quem controla a semente controla o mundo.** Cadernos Assesoar, caderno nº 7. Paraná. Maio de 2009

BACHA, M. L.; STREHLAU, V. I. ROMANO, R. **Percepção: termo frequente, usos inconsequentes em pesquisa.** Brasil: 30º ENCONTRO DA AMPAD. 2006

BERNARDES, S. A. **O currículo escolar e suas relações com o projeto de vida dos jovens estudantes da Escola Santo Antonio da Parida.** 2015. 83 f. il.

Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) - Universidade de Brasília, Planaltina-DF. 2015

BESSA, M. M.; VENTURA, M. V. A.; DA SILVA ALVES, L. **Sementes Crioulas: Construção da Autonomia Camponesa**. Cadernos de Agroecologia, v. 11, n. 2. 2017

BEVILAQUA, Gilberto Antônio Peripolli et al. **Desenvolvimento in situ de cultivares crioulas através de agricultores guardiões de sementes**. Cadernos de Agroecologia, v. 4, n. 1. 2009

BOEF, W. S. [et. al.] **Biodiversidade e agrobiodiversidade**. IN: BOEF, W. S. [et. al.] (Org.) Biodiversidade e agricultores: fortalecendo o manejo comunitário. Porto Alegre.RS: L&PM. 2017

BRASIL. **Constituição**. Lei nº 10.711 de 05 de agosto de 2003. Dispõe sobre O Sistema Nacional de Sementes e Mudanças e Dá Outras Providências. 2003

BRASIL. **Diário Oficial da União**. Poder executivo. Portaria nº 44, de 8 de maio de 2015 – SDA/MAPA. Brasília, DF. v. 9. 2015

BRASIL. **Lei nº 9.456/97** -Lei de Proteção de Cultivares. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Registro Nacional de cultivares: orientações e informações técnicas. 1997

CALDART, Roseli Saete. **Educação do Campo**. In: CALDART, R.S. (org). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular.p.257. 2012

CANCI, A. CANCI, I. J. **Resgate, uso e produção de sementes crioulas de milhos em Anchieta.** In: BOEF, W. S. [et. al.] (Org.) Biodiversidade e agricultores: fortalecendo o manejo comunitário. Porto Alegre. RS: L&PM. 2017

CAPORAL, F. R. (coord.). **Extensão Rural e Agroecologia: temas sobre um novo desenvolvimento rural, necessário e possível.** Brasília: 2009

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 4 ed. São Paulo. Vozes. 2011

CONTI, I. L. **Segurança alimentar e nutricional: noções básicas.** IFIBE. 62 p. 25 cm. (GenteSAN; 1).Passo Fundo.2009

DE JESUS, A. S. S.; OMMATI, J. E. M. **Segurança alimentar e revolução verde: questionamentos atuais acerca da luta contra a fome no plano internacional.** Revista do Direito Público, v. 12, n. 3, p. 191-215. 2017

ESQUINAS-ALCÁZAR, J. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos.** Eliminar a fome requer inteligência e ética. São Leopoldo. n. XIV. 2014

FERNANDES, G. B. **Sementes Crioulas, variedades e orgânicas para a agricultura familiar: da exceção legal a política pública.** In: SAMBUICHI, R. H. R. [et al.] (org.). A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável. Brasília. Ipea. 2017

GAUTAM, R. et. al. **Biodiversidade e agricultores: fortalecendo o manejo comunitário.** Ferramentas práticas que estimulam o manejo comunitário da agrobiodiversidade. In: BOEF, W. S. [et. al.] (Org.)RS:L&PM. Porto Alegre.2017

GODOY, Arlida Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de administração de empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63. 1995

HAVERROTH, C. et. al. **A transição agroecológica na agricultura familiar**. 1ª Ed. Appris. Curitiba. 2016

LARANJEIRA, N. GASPARINI, C.B.; BERNARDES, S. (Org.). **Comunidade do sertão: Alto Paraíso de Goiás**. Universidade de Brasília. Brasília. 2012

MANUAL. **Segurança Alimentar e Nutricional**. 3 UE-PAANE – Programa de Apoio aos Actores Não Estatais “Nô Pintcha Pa Dizinvolvimentu” FICHA TÉCNICA Texto: João N. Pinto. Coimbra. 2013

MOREIRA, C. **Agricultura familiar comunitária: uma aliada na soberania alimentar e na luta contra a fome**. 2014. Disponível em: <http://www.fao.org/family-farming-2014/news/news/details-press-room/pt/c/213471/>. Acesso em: 04/04/2018

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. Revista da Escola de Enfermagem da USP. v. 48. n. spe2. p. 184-189. 2014

PERAFÁN, M. E. V.; WALTER, M. I. M. T. **A percepção das condições de vida pelas populações dos territórios rurais, além das análises sobre o desempenho dos sistemas produtivos/The perception of living conditions for population of rural areas, in addition to analyzes the performance**. REVISTA NERA. n. 31. p. 72-90. 2016

RIBEIRO BT, PEREIRA M.G.D. **A noção de contexto na análise do discurso**. Ver. Est. Ling Juiz de Fora. v. 6, n.2, p.49-67. jul. /dez. 2002

RIBEIRO, M. P.; MENDONÇA, M. R.; RODRIGUES, G. S. **Agricultura camponesa e agroecologia: relato de experiência da feira e festa de sementes, mudas e raças crioulas em defesa da biodiversidade.** XXI ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA. URBELÂNDIA – MG. out 2012

RIBEIRO, M. P. **As sementes crioulas e a agricultura camponesa na comunidade Mata Preta em Catalão (GO).** VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Vitória - ES. Ago. 2004

RODRIGUES, L. P. F.; ZANETI, I. C. B. B.; LARANJEIRA, N. P. F. **Sustentabilidade, segurança alimentar e gestão ambiental para a promoção da Saúde e qualidade de vida.** 2012

SAMBUICHI, R. H. R. [et al.]. Introdução. In: SAMBUICHI, R. H. R. [et al.] (org.). **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável.** Brasília: Ipea. 2017



SERRANO, R. M. S. M. **Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire.** Grupo de Pesquisa em Extensão Popular. v. 13. n. 8. 2013

SOUSA, R. R. **Etnografia e História Oral: evidências de uma comunidade remanescente de quilombo.** [s. n. t.]. 2018

TEIXEIRA, Gerson. **A pesquisa do MAPA sobre resíduos de agrotóxicos e contaminantes.** Maio, 2015. Disponível em: <http://dados.contraosagrototoxicos.org/dataset/residuos-de-agrotoxicos-mapa>. Acesso em: 20 de setembro de 2018

ZIEMBOWICZ, Jair André et al. **Sementes crioulas: segurança alimentar pela diversidade.** Cadernos de Agroecologia. v. 2. n. 1. 2007

ANEXO




PREFEITURA MUNICIPAL DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS -GO
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE E SANEAMENTO

Alto paraíso de Goiás, 30 de Julho de 2018

Declaração

Eu Miriam Michelli da Silva Pias, Enfermeira da estratégia Saúde da Família 01, declaro que na micro área do sertão residem 75 famílias, totalizando 256 pessoas de acordo com o cadastro realizado pelos Agentes Comunitários de Saúde.

Miriam Michelli da S. Pias

Miriam Michelli da Silva Pias